

SOMNIUM

Revista do Clube de Leitores de Ficção Científica Jul/Ago 91 nº 52



Somnium®

Nº 52 – Jul/Ago 91 – Ano 6

Editor – Carlos André Mores

Tiragem – 300

Índice

Editorial	1
Cartas	2
Noticiário	
Nacional	4
Internacional	8
Artigos	
Don Wollhein, "O Fã Que Fez de Tudo"	14
A Máquina do Tempo e a Morte na FC	19
Robert Heinlein	24
Resenhador Senior	
Vídeo	26
TV	28
Outras Resenhas	
Amorquia	29
Robozé	31
Ponto de Vista	32
Onde Nenhum Homem Jamais Esteve	34
Entrevista	
Em Trânsito, Pela FC	36
Ficção Científica x Realidade Científica	
Elevação de Animais à Racionalidade	40
Contos/Poesias	
Bibliofilia	43
Viagens Alucinantes	49
NaveCircular	55
Desaba o Mundo	63
Único Sistema Cifrado	64
Placebo Redondo	65
Crônicas do André	
FC e Jornalismo Cultural	66

Ilustrações:

Capa e páginas centrais: André Carneiro
Págs. 31, 34, 51, 57, 59, 63, 64, 67: Roberto Schima
Pág. 38: foto cedida pelo autor
Pág. 39: Zeo
Pág. 42: Moretti
Pág. 48: retirada do conto cedido pelo autor
Pág. 68: foto cedida pelo autor

Somnium® é o fanzine oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica – C.L.F.C.. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados são creditados a seus autores e não refletem necessariamente a opinião da Editoria. As demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo aos 14 de Dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob nº 79.416/86.

Sua diretoria para o biênio 90/91 está composta pelos sócios Luiz Marcos da Fonseca [Presidente], Olavo Bilac dos Santos Victor [Secretário Executivo] e Sérgio Roberto Lins da Costa [Tesoureiro].

Toda correspondência relativa à editoria deve ser remetida para Luiz Marcos da Fonseca, Av. Professor Jorge Correia, 1259 - Araraquara - SP - CEP 14800.

Pedidos de assinatura do Somnium e inscrições de novos sócios devem ser remetidos para Sérgio Roberto Lins da Costa, Rua Dardanelos, 108/31-B - São Paulo - SP - CEP 05468

Alterações de endereço ou outras comunicações devem seguir para a Secretaria Executiva, C. P. 66337 - São Paulo - SP - CEP 05389

Colaboraram neste número:

Carlos Izé Lúcio Manfredi,
Antonio Cesar de Oliveira e
Luiz Marcos da Fonseca na
digitação revisão e montagem.

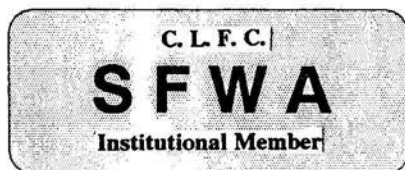
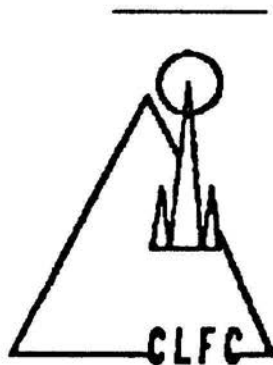
O final do mandato da atual diretoria faz-nos lembrar de quem sempre esteve ao nosso lado em tempos de calma e de tempestade, nesses dois profícuos anos. Sócios entusiastas como todos os nossos assinantes "anônimos" sempre a nos prestigiar e viabilizar nossa publicação; membros abnegados, da diretoria ou não, cada qual com sua cota de sacrifícios, como Roberto Nascimento, Causo, Schima, Ivan, Zé Fernandes, Fábio Fernandes, Ivo Luiz, Maria Angela, Humberto Fimiani, Gilberto Schoeder, Paulo Elache, KIL, Pierluigi, Sílvio Alexandre, Carlos Izé, Antonio Cesar, Walter Soto, Gerson Lodi, Rubenildo, "Doc" Ruby e outros tantos que de uma maneira ou de outra contribuíram para que essas páginas se formassem a partir apenas da matéria-prima dos sonhos.

Algumas palavras especiais. Uma para nosso editor. Passei algumas horas apenas sentado ao seu lado enquanto ele trabalhava no computador na formatação de nosso fanzine. Uma experiência única para se dar valor a uma verdadeira *tour de force*. Outra para o Fritz: quando nas reuniões do CLFC coçava-mos a cabeça pensando em como manter o preço do Somnium, em como pagar as faturas da gráfica, ele, discretamente, nos entregava o cheque de sua assinatura do fanzine: 50 vezes o valor normal... dez sócios iguais a ele e a sede própria deixaria de ser (mais) um sonho.

A palavra final fica para nosso colunista permanente, André Carneiro, a quem este número é dedicado. Sempre solícito, a despeito de sua destacada posição no cenário cultural brasileiro, André nunca utilizou-se disso como uma barreira para participar da nossa luta ombro a ombro para a criação de um autêntico fandom brasileiro.

Nas páginas seguintes o leitor poderá entrar em contato com sua arte através de um conto inédito, a crônica e poesias habituais e também com uma de suas facetas ainda pouco conhecida entre nós: a do artista plástico. Mais uma vez só nos resta apreciar e aplaudir.

A diretoria



Miguel Carqueija (089)

Tenho uma idéia a propor a vocês. Lembro-me da tentativa de organizar a antologia *Amarelo... Amarelo*, emulação paulista à *Verde... Verde...* carioca. Parece que não obtiveram adesões suficientes. Talvez o problema esteja em que o tema-título já se mostre um tanto batido.

Por outro lado lembro que a edição 48 é uma revista, pelo conteúdo e numeração; mas o aspecto físico serve também para livro. A capa, cedida pela Aleph, é de alto nível.

Então, o CLFC já pode editar livros, mesmo que isto represente um esforço excepcional. Por que não pode o CLFC ser transformado em editora?

A idéia que eu tenho é essa: um livro de depoimentos. Os anos estão passando e a história do fandom brasileiro, surgido nos anos 80, está sendo perdida. Cada um de nós tem uma história a contar: por que nos interessamos pela FC e em que circunstâncias entramos para o movimento organizado. Se muitos de nós contarem as experiências pessoais, com todo o intercâmbio, as amizades surgidas (graças a Deus, entre nós sempre mais importantes que as brigas), as alegrias, as decepções, os cansaços, os sonhos, as realizações, teremos um livro interessante e cujo valor histórico subirá a cada ano.

Alguns depoimentos seriam indispensáveis, como os dos três Robertos — Causo, Schima, Nascimento; os de Marien Calixte, Rubenildo Barros, José Fernandes, Fábio Fernandes, Gerson Lodi-Ribeiro, Marcello Simão Branco, Cesar Silva. Entretanto, se for um livro com, digamos, 200 páginas, poderão ser incluídos 40 ou 50 depoimentos. Fazendo em regime de cooperativa, penso que será viável. Agora é com vocês. "O que um homem imaginou outro pode fazer", disse Júlio Verne.

Finalmente gostaria de deixar anotada uma pequena errata na poesia *O Disco Voador* (Somnium 50): é "mundo

maluco" e não "mundo louco", na última quadra.

Caro Miguel:

Parece que muita gente deixou escapar uma nota no Somnium 47: lê-se no quadro na página 18 que "Amarelo... Amarelo... não é uma edição temática..." Parece que faltou mesmo união aos paulistas e agora a idéia hiberna n'alguma gaveta enquanto a nova diretoria não assume.

Particularmente acho que o CLFC poderá se transformar numa editora. Quando tiver pelo menos 1.000 sócios atuantes (nem que "atuante" signifique assinar o boletim, pagar mensalidade e... comprar a edição que for lançada). Isso requer, de cara, mudanças no estatuto do clube para que este se torne uma instituição com finalidades lucrativas.

A idéia do livro de depoimentos é boa. Mas a conversa do Verne não pega; acho que você seria a pessoa ideal para começar a contatar os Robertos (todos os três) e a moçada toda.

Abraços.

Carlos H. Marchi (269)

Prezados sócios do CLFC:

Parabenizo a todos que já colaboraram e ainda colaboram para tornar a existência do Somnium e do CLFC possível. Tomei conhecimento do CLFC somente no ano passado através da Isaac Asimov Magazine; lamento não ter sido desde sua criação.

Gostaria de fazer duas observações:

1) Os "Círculos de Interesse" ainda existem? Gostaria de saber quais são e o nome/ endereço de seus coordenadores. Se ainda não existir, proponho a criação de um círculo sobre viagens no tempo.

2) Aproveito a ocasião para divulgar uma associação da qual faço parte, já que muitos sócios do CLFC se interessam por astronáutica e talvez alguns sejam espaçomodelistas e lançadores de minifoguetes experimentais como eu.

A Associação Brasileira de Atividades Educativas Espaciais (ABAE), CP 5050, CEP 88041, Florianópolis, SC, é uma entidade civil, sem fins lucrativos, e criada em setembro de 1986.

Seu objetivo é congrega as pessoas e os grupos brasileiros que se dedicam à pesquisa, desenvolvimento e experimentação de espaçomodelos e minifoguetes.

As atividades promovidas pela ABAE são:

1) Publicação trimestral do boletim *Aeroespçonáutica* (30 páginas, tamanho A-4);

2) Promoção de seminários e campanhas de lançamento de espaçomodelos;

3) Fornecimento de material bibliográfico e cursos; e

4) Desenvolvimento conjunto de projetos de minifoguetes.

A ABAE conta atualmente com mais de 70 associados.

Atenciosamente,

CHM

Carlão:

Obrigado pelo muito interessante boletim Aeroespçonáutica. Quanto aos grupos de interesse, aqui vão alguns dados: não existe (ainda) um GI ligado a viagens no tempo. Mas você pode formalizar um caso queira.

Os GI existentes (?), temos "O Rho-daniano", sob responsabilidade de R. S. Causo (CP 220, Sumaré, SP, CEP 13170) e o "Alucinação Coletiva", dedicado ao escritor Philip K. Dick; seu endereço é Rua Cantiga do Desencontro 126, Lapa, São Paulo, SP, CEP 05060. O último número foi o 3, editado por Ivan Carlos Regina, Silvio A. F. Neto e Roberto de Sousa Causo.

Abraços.

Carlos O. Martinho (240)

Recebi o *Somnium* 49, com *Dente de Dragão* incluso — e, uau, puxa, que ótimo! A ilustração do Schima é um caso a parte: se, em algum momento, falhei em criar a correta atmosfera da história o desenho supriu, com vantagens, a minha falta; nem enquanto escrevia o conto cheguei a imaginar *Dente de Dragão* como um veículo tão tenebroso, ou as reses com um aspecto tão maligno... E o Schima, leu

o conto? Gostou? Seria legal receber as impressões dele. Outra coisa, agradeço a revisão feita: flagrei no meu original aqui um "extático", corretamente transformado, na composição, em "estático". Ufa!

Caro Carlos:

Opinião particular deste editor: o Schima extrapolou (de novo) não só no seu desenho, mas também no desenho do conto. É dos corredores..., no mesmo número. Mas você quer o quê? Tá achando que o nosso Schima publicou cinco ilustrações no Fandom Directory a troco de banana?

Só não sei se ele gostou, mas fica o recado para ele. Revisão... é um eterno problema. E, de vez em quando, pra variar, a gente até acerta uma...

Abraços

Rosa Maria Gonçalves (49):

Estou escrevendo para felicitá-los pela qualidade cada vez melhor do *Somnium*.

O número 51 está realmente ótimo. Gostei muito do *Books to Look For* de A. B. Maciel, aliás, me senti como recebendo a dedicatória, pois como o seu amigo sou devoradora de sebos. O conto da Martha Argel *Consulte o Aurélio* é realmente hilariante. Escondi o *Somnium* (ou será a *Somnium*?) na gaveta durante o expediente e quando dava um tempinho corria os olhos para continuar lendo. Durante a leitura deste conto eu não conseguia conter o riso e o pessoal da minha sala ficou querendo ler. Gostaram.

Parabéns a todos, principalmente ao Carlos André. Trabalho bonito.

Rosa, obrigado pela "força" e pelos elogios, que reparto com todos aqueles que com seu esforço e dedicação fazem do Somnium o que ele é. A propósito, creio ser a (revista...!) Somnium.

Vanessa da Silva (286)

Nossa sócia caçula nos escreve pedindo a divulgação de seu nome para a troca de correspondência com outros sócios do Clube.

Vamos escrever para ela? Seu endereço é Rua dos Agapantos 105, São Paulo, SP, CEP 08220.

O Editor

N
A
C
I
O
N
A
L

O Que Vai Por Aí

● Com a impossibilidade de continuarmos utilizando o espaço tão gentilmente cedido, por mais de cinco anos, pelo nosso querido Estrela em sua Livraria Paisagem, estamos transferindo nossas reuniões mensais em São Paulo para a "Associação dos Engenheiros da Estrada de Ferro Santos a Jundiá". A negociação do espaço correu por conta de Ivan Carlos Regina, a quem o clube passa a dever mais este serviço.

Localizada na Rua José Paulino nº 7, junto à Estação da Luz, a AEEFSJ conta com excelentes instalações e nos oferecerá um local confortável e adequado para nossas reuniões que, como sempre, acontecerão no último sábado do mês, a partir das 09:00 horas.

Ao entrar pela cancela junto à guarita da guarda, mantenha-se sempre à sua direita até chegar à entrada da AEEFSJ, facilmente identificável pela placa azul e verde com o emblema da AEEFSJ. Compareça, prestigie.

● Resultado do Concurso Megalon "Os Melhores da FC": melhor escritor, Arthur C. Clarke; melhor romance, *Trilogia da Fundação* (Isaac Asimov); melhor longa-metragem, *2001 Uma Odisséia no Espaço* (Stan-

ley Kubrick). Seria interessante que alguém desenvolvesse um artigo comentando o resultado da votação.

● Outro concurso que anunciou resultados foi o *Troféu HQ Mix* (ver Recado nº 128). Destaque para a categoria "Álbum de Terror, FC ou Aventura", vencida pelo álbum *O Papa Defunto*, com quadrinização de trabalhos de Ray Bradbury, e "Grande Contribuição aos Quadrinhos", merecidamente concedido à Devir Livraria.

● Na revista *Contigo* nº 820, de 06/06/91, apareceu uma bem humorada resenha do Isaac Asimov Magazine em português, assinada por Maurício Kubrusly. Destaque para a abertura de espaço para trabalhos de autores nacionais.

● A *ORCADE* - Organização Cultural de Animação e Desenho firmou convênio com a Gibiteca Municipal Henfil (Rua Sena Madureira 298, a 300 metros da estação Vila Mariana do Metrô) e passará a usar o espaço para realizar suas reuniões e eventos ligados a quadrinhos.

No mês de julho, comemorando seu 3º aniversário, a entidade realizou uma programação especial constituída de projeção de vários desenhos animados, do "I Encontro Paulista de Jogadores de RPG" e do "I Encontro Paulista de Fanzineiros de Quadrinhos".

● Os organizadores da "V Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro", que acontecerá de 28/08 a

08/09 no Riocentro, realizarão, a partir das 18:00 horas de 01/09, uma mesa-redonda intitulada "Ficção Científica e Brasil". A coordenação será de Ivanir Callado e os debatedores convidados são Adélia Marques Ribeiro, Bráulio Tavares, Gumercindo Rocha Dórea, R. C. Nascimento e Silvio Fernandes.

● Falando em bienais, a "1ª Bienal Internacional de Histórias em Quadrinhos", que acontecerá no Rio de Janeiro de 07 a 17 de novembro pf, terá desenhos de Federico Fellini, o conhecido cineasta italiano. A exposição ocupará 1.800 metros quadrados e estará dividida em três partes: a primeira será dedicada aos quadrinhos eróticos de Manara; a segunda, aos originais de seu álbum *O Verão Índio*, criado por ele e Hugo Pratt; a terceira, ao álbum *Viajem a Tulum*, que o desenhista fez com roteiros de Fellini (será nesta parte da exposição que estarão os desenhos do cineasta).

Fellini não é um iniciante no mundo das HQs, pois antes de se dedicar ao cinema foi desenhista e roteirista de quadrinhos — foi um dos autores da versão italiana de *Flash Gordon*, durante a 2ª Guerra, quando o governo fascista proibiu a importação da série norte-americana que, então, passou a ser produzida localmente.

De acordo com os organizadores, será o maior evento de quadrinhos no mundo; com investimentos da ordem de US\$ 3 milhões, já recebeu até o momento confirmação de participação de nove países.

● *Metrópolis*, programa de variedades da TV Cultura, Canal 2 de São Paulo, levou ao ar na noite de terça-feira, 23/07, um quadro sobre FC... e lá estava o Silvio Alexandre

Ferreira Neto, apresentado como diretor do CLFC. Sua participação, absolutamente inexpressiva, em nada contribuiu para divulgar uma boa imagem do clube.

Aqui fica um veemente protesto pelo fato do Silvio não ter avisado a nossa Diretoria sobre o convite feito ao clube, por seu intermédio, para a gravação do quadro — a produção do programa nos informou que o contato foi feito com uma semana de antecedência — de modo a que esta nos fizesse representar por sócios melhor preparados e, principalmente, não comprometidos com esquemas comerciais, como no caso. Episódio duplamente lamentável.

● Ah! então foram eles!?

● Tendo ouvido, em várias oportunidades, comentários disparatados sobre "ciência e ficção científica", recomendo veementemente a leitura atenta do artigo *Realidades Superiores ou Como Escrever Ficção Científica Sem Saber Muita Coisa de Ciência*, de Terry Carr, publicado no nº 13 do Isaac Asimov Magazine (Record).

● **PRECISO URGENTE:** sócios(as) para alguns projetos que pretendo desenvolver este ano. Devem se encarregar das versões de material, do português para o inglês (coloquial) e, certamente, terão os créditos correspondentes — lucros? nem pensar, pois serão projetos ligados ao fandom para os quais não se pensa em esquemas comerciais. Os(as) pretendentes queiram me escrever o mais rapidamente possível.

● Thomas Disch estará no Brasil na primeira quinzena de setembro, para uma série de palestras, encontros e workshops relâmpagos. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Hori-

zonte, Curitiba e Porto Alegre devem fazer parte do roteiro. Lamentavelmente, não foi possível detalhar a programação até o fechamento desta coluna; no próximo número faremos um resumo de como as coisas afinal se passaram.

Fãs & Zines

- José Carlos Neves teve publicado o conto *O Fator Einstein* no suplemento cultural do Jornal de Notícias de Montes Claros (MG). Este trabalho, agora revisado, foi publicado anteriormente no boletim Antares, do Clube de Ficção Científica Antares, de Porto Alegre, e em sua versão original foi classificado num dos concursos "Fausto Cunha" promovidos pelo CFCA.

- Marien Calixte informa que estará publicando brevemente uma edição revisada e ampliada de seu livro *Alguma Coisa no Céu*; esta segunda edição terá como título *O Visitante*. Vamos ficar de olho.

- Roberto Schima entregou ao GRD os originais de um "romancezinho" ou "contão", como êle mesmo classifica, intitulado *Fragmentos de Uma Verdade*. A estória trata do choque entre ciência e religião, com "uma pitada de FC", e se passa no interior paulista; a "musa" inspiradora foi, nada menos, nossa querida Maria Angela.

- Megalon nº 16 (mai/jun/91), duplo officio, 42 páginas, xérox. Traz quatro contos, noticiário nacional e internacional, cartas, artigos, resenhas e o resultado do Concurso Megalon "Os Melhores daFC". Apesar das limitações da sua máquina de escrever, o Marcello vem conseguindo melhorar o visual deste zine imperdível — está na moda, não está?

Av. Clara Mantelli 110, São Paulo SP, 04771.

- Vortex nº 2 (jul/91), duplo officio, 14 páginas, xérox. Reaparecendo como resultado da garra de seu editor, traz resenhas, a tradução de uma entrevista de Clive Barker e artigos abordando vários filmes como *O Incrível Homem Que Encolheu*, *Viagem ao Fundo do Mar*, *Os Meninos*, *Farsa Trágica* e as aventuras não reveladas de *Jornada nas Estrelas II - A Geração Esquecida*. Rua Irmão Ivo Bernardo 40, São Paulo, SP, 04773.

- JetCom (Jornada nas Estrelas/Terminal de Comunicações) nº 1, mai-jun/91, 10 páginas, A-4, xérox. Novo fanzine dedicado a *Star Trek*, aparece pelas mãos de Cristina Nastasi e equipe, do Rio de Janeiro, e traz artigos, resenha e notícias. Com excelente diagramação, originais em laser e impressão impecável, é uma publicação que tem muito potencial — principalmente agora, com as séries clássica e nova geração na televisão. Os interessados em assinar escrevam para Caixa Postal 873 - Ag. Central do Rio de Janeiro, 20001 Rio de Janeiro, RJ. Por apenas Cr\$ 2.000,00 você garante o recebimento de seis números. Prestígie esta iniciativa.

JetCom nº 2, jul/ago/91, 12 páginas, A-4, xérox. Confirmando as expectativas criadas com seu primeiro número, este trekkzine repete o alto nível de diagramação, geração de originais e reprodução. O conteúdo, bastante variado, parece estar se livrando daquele esquema já desgastado e há muito superado tipo "Kirk ama Spock, que ama McCoy, que ama Kirk", e traz material bem interessante. Vale a pena conhecer.

● HHH INFO nº 1, jul/91, uma página, A-4, xérox. Trata-se da primeira tentativa do grupo *Hammer House of Horrors Fã Clube* em criar um veículo próprio. Traz uma minibiografia de Bela Lugosi, uma miniresenha do filme *Mansão da Meia-Noite* e as fichas técnicas de *Drácula* (1931) e *Dracula's Daughter* (1931). O tempo, a experiência e a vontade de acertar e crescer certamente tornarão este zine em mais uma boa publicação do nosso fandom. Rua Airton Gomes Miranda 97, São Bernardo do Campo SP, 09770.

● Recado nºs 121 a 128, formatinho, quatro páginas, xérox. Boletim semanal da Livraria Devir, indispensável para os fãs das bandas desenhadas (assim são chamadas as HQ em Portugal – quadrinhos também são cultura). O nº 121 traz o resultado da fase nacional do Fan Awards, prêmio anual promovido pelo *Comics Buyer's Guide* norte-americano; o nº 126 é o número bimestral especial com 12 páginas e a revisão dos principais lançamentos previstos nos próximos meses. Solicite sua inclusão na mala-direta pelo telefone (011) 278-0384.

● Repórter HQ nº 39 (jun/jul/91), formatinho, 28 páginas, ofsete. Boletim da BNHQ, traz a habitual miscelânea de material de muito boa qualidade de interesse dos fãs de HQs. A regularidade na publicação, a qualidade do material e a seriedade da proposta fazem deste boletim uma das mais significativas publicações amadoras do país. A ser imitada. Rua Selênio 264 - Conj. 201, 30480 Belo Horizonte, MG.

Nas Prateleiras

● *Histórias Fantásticas I*, de Luiz Zatar, é mais uma publicação de escritor brasileiro a chamar a atenção dos apreciadores do gênero. Edição do autor, 174 páginas, pode ser encomendada (Cr\$ 2.000,00) diretamente à Praia João Caetano 145/202, 24210 Niterói, RJ.

Do mesmo autor, e para os apreciadores de HQs, *Rubow no Espaço* é um álbum de 54 páginas, capa em duas cores, plastificada, que traz as aventuras de Rubow Don Had e sua turma; aventuras estas, ao que parece, a continuarem em outros álbuns. Cr\$ 1.000,00 o exemplar.

● A Record colocou nas livrarias a novela *Nêmesis* (*Nemesis*, Arthur C. Clarke, 396 pag, tradução de Ronaldo Sérgio De Biasi), também recentemente publicada na coleção *Nêbula*, da editora portuguesa Europa-América.

Outro título interessante é *Daque a Cem Anos - Revendo o Futuro* (*Looking Backwards - 2000/1887*, Edward Bellamy, 204 pag, tradução de Myriam Campello). Muito interessante para os que curtem os precursores, este livro polêmico em sua época, suscitando inclusive o aparecimento de trabalhos humorísticos, mostra a visão de um mundo futuro por um escritor de fins do século passado. Vale destacar a apresentação de Erich Fromm, com tradução de Paula Rosas. Seria interessante a Record pensar em lançar a continuação desta obra, intitulada *Equality* e publicada em 1897.

● A GRD publicou um interessante trabalho de pesquisa desenvolvido pelo nosso sócio Marco Aurélio Luchetti, intitulado *A Ficção Científica nos Quadrinhos* (152 pag). Trata-

Best Artist: Michael Whelan; Best Editor: Gardner Dozois; Best Publisher: Tor/St. Martin's.

● Vencedores do 1990 Bram Stoker Award, em suas diversas categorias, entregues durante a reunião anual da Horror Writers of America, este ano realizada em Redondo Beach (CA):

Novel: *Mine* (Robert R. McCammon); First Novel: *The Revelation* (Bentley Little); Novelette: *Stephen* (Elizabeth Massie); Short Story: *The Calling* (David B. Silva); Collection: *Four Past Midnight* (Stephen King); Non-Fiction: *Dark Dreamers – Conversations with the Masters of Horror* (Stanley Wiater); Lifetime Achievement Award: Hugh B. Cave e Richard Matheson.

● Ganhadores do 1990 Canadian Science Fiction and Fantasy Awards, também conhecidos como "Auroras" (antes disto, como "Caspers"), anunciados durante a ConTex'91 realizada em Edmonton:

Best Long Work in English: *Tigana* (Guy Gavriel Kay); Best Long Work in French: *Histoire de la Princesse et du Dragon* (Elizabeth Vonarburg); Best Short Work in English: *Muffin Explains Teleology to the World at Large* (James Alan Gardner); Best Short Work in French: *Ici, des Tigres* (Elizabeth Vonarburg); Best Other Work in English: *On Spec Magazine*; Best Other Work in French: *Solaris Magazine*; Artistic Achievement: Linne Taylor Fahnestalk; Fan Achievement (Fanzine): *Neology* (Catherine Girczyc, ed.); Fan Achievement (Organizational): Dave Panchyk (presidente da Saskatchewan Speculative Fiction Society e diretor do Combine 0); Fan Achievement (Other): Al Betz (por sua coluna *Ask Mr. Science*, no BCS Fanzine).

● No decorrer da ABA (American Booksellers Association Annual Convention), foi anunciado o vencedor do maior prêmio já concedido num concurso literário nos EUA, e já comentado nesta coluna: o **Turner Tomorrow Award**, no valor de US\$ 500 mil. O ganhador foi Daniel Quinn, de Austin (Texas), por sua novela *Ishmael*, cujo enredo gira em torno de digressões filosóficas entre um homem e um grande macaco. A premiação já deu muito pano pra manga, incluindo-se bate-bocas homéricos entre os próprios juízes.

● Foi anunciada a criação do James Tiptree Jr. Memorial Award, em honra da memória de Alice Sheldon. Coordenado por Pat Murphy, será concedido anualmente à *short story* ou *novel* que explore e expanda o papel social de homens e mulheres, tanto na ficção científica quanto na fantasia. O primeiro prêmio deverá ser entregue no decorrer da próxima WisCon.

● L. Ron Hubbard's Writers of The Future Contest, e L. Ron Hubbard's Illustrators of The Future Contest, anunciando seu evento anual de entrega dos prêmios nas respectivas categorias. Discursos, cerimônia de premiação e festa de encerramento terão lugar no Hollywood Roosevelt Hotel, dia 09/08, a partir das 13:00 horas. Traremos os nomes dos vencedores tão logo anunciados.

● A Biblioteca Pública de Nova York há muito vinha necessitando de espaço (algo como 130 quilômetros de estantes) mas, como não podia crescer nem para cima, nem para os lados... ganhou uma galeria de onze mil metros quadrados sob o vizinho Parque Bryant, em pleno centro de Manhattan. O novo espaço, claro, está recheado com a mais avançada

tecnologia disponível; para vocês terem uma idéia: as estantes abrem e fecham por comando eletrônico, no sistema sanfona, mas sensores instalados no piso *sentem* os bibliotecários e impedem que estes sejam esmagados entre as estantes. Um sofisticado sistema de controle ambiental protegerá cerca de 1.5 milhão de livros, manuscritos e outras peças raras que serão abrigadas no novo espaço, isto sem falarmos do sistema de informatização, segurança, controle, etc.

Fanzines & Publicações

● *Boletim CACyF* nº 47, formatinho, 24 páginas, xérox. Fanzine do Círculo Argentino de Ficção Científica e Fantasia, traz editorial, classificados, noticiário nacional, lançamentos, resenhas, zines e revistas recebidos. Casilla de Correo 4102, Correo Central, 1000 Buenos Aires, Republica Argentina.

● *SPWAO Bulletin* (vol. 13, issue 5), A-4, 22 pag, xérox. Material variado e abrangente, de interesse para os artistas e escritores iniciantes, em especial para os que pensam em se aventurar nos EUA, e para os editores da chamada "*small press*". Para se associar, escreva para 1210 Greer Ave, Holbrook AZ 86025, USA.

● *No Ficción* (nº 3, set-dez-90), formatinho, 36 pag, ofsete, originais compostos em DTP e produzidos em laser, capa cartonada. Trata-se de um zine quadrimestral publicado pelo Grupo Interface e dedicado ao estudo da FC em todas as suas formas. Este número é dedicado a apreciar a obra de Rafael Marín Trechera, e traz ainda uma matéria muito interessante sobre o fandom espanhol. Para assinaturas, escrever para Pedro Jorge Romero, Apartado 2061, Principado

de Andorra. Números atrasados a 300 pesetas cada; a assinatura para os números de 1991 custa 800 pesetas.

● *BEM* (nº 9, mai-91), officio duplo, 12 pag, grampos de lombada, ofsete, originais compostos em DTP e produzidos em laser, papel de excelente qualidade. Noticiário mensal de ficção científica e fantasia, é também uma publicação do Grupo Interface. Traz notícias variadas, artigos, seção de cartas, entrevista e resenhas de livros e fanzines (nosso número de aniversário está lá). Pedidos de assinaturas (1500 pesetas ou US\$30.00) devem ser encaminhados a Ricard de la Casa, Apartado 2061, Principado de Andorra.

BEM (nº 12, ago/set-91), idem. Este número traz um artigo de Joan Manel Ortiz intitulado *Los fanzines, parientes pobres de las revistas?*, que será traduzido e publicado neste veículo e que coloca em perspectiva um assunto que vale a pena ser abordado e discutido, muito especialmente porque, como "santo de casa não faz milagre", é sempre bom ouvir o que gente de fora tem a dizer a respeito.

● *Probe* nº 83 (abr/91), formatinho, 64 pag, ofsete, capa cartonada. *Boletim do Science Fiction South Africa*, traz seção de cartas, noticiário local e internacional, resenhas de fanzines estrangeiros, assuntos internos, ficção, poesia, resenhas de livros e vídeo. Vale a pena conhecer. P. O. Box 2538, Primrose 1416, South Africa.

● *Jupiter Jump* nº 7, formato A-4, 18 pag, papel jornal, ofsete. *Azine da Spectator Amateur Press Association*, traz material muito divertido, ainda que boa parte do material seja apreendido apenas por quem conhece as pessoas, publicações e even-

tos mencionados. Para obter uma cópia, escreva para Mark Manning, 1709 South Holgate, Seattle WA 98144, USA.

● *Ethel the Aardvark* n^{os} 34, 35 e 36, A-4, 44, 32 e 28 páginas, ofsete, grampos na lombada. Clubzine do Australian SF Club, traz resenhas (o forte da publicação), cartas, relatórios de convenções, arte, notícias e assuntos internos. Comentário muito bom sobre o Somnium, em especial quanto às ilustrações, e de como foi divertido tentar "descobrir" do que estávamos falando. P. O. Box 212, World Trade Centre, Melbourne 3005 Victoria, Australia.

● *Nebula Award Report* 91/4 jul/91, 8 páginas, A-4, xérox. Informativo da SFWA voltado especificamente a manter atualizadas as informações do dia-a-dia referentes ao prêmio Nebula.

● *Bienvenu en Utopie* é um *press-release* dedicado à divulgação da reinauguração da Maison d'Ailleurs, em Yverdon (Suíça), e de suas atividades em 1991/92. A Maison d'Ailleurs é um museu de FC e, agora, um centro cultural, criado em 1975 pelo escritor, colecionador e enciclopedista francês Pierre Versins.

● Catálogo de junho/91 da *Cold Tonnage Books*, uma livraria inglesa dedicada a livros usados de ficção científica, fantasia e horror, contendo material muito interessante e a preços acessíveis. Se você tem interesse, escreva para 136 New Road, Bedford Feltham, Meddlisex TW14 8HT, England.

Dicas

● *Science Fiction Writers of America Handbook - The Professional Writer's Guide to Writing Professional-*

ly, Kristine Kathryn Rusch e Dean Wesley Smith (eds), Pulphouse Publishing, 1990, 248 pag, brochura, ISBN 1-56146-406-6, US\$ 10.00, pode ser encomendado diretamente aos editores. Escreva para Box 1227, Eugene OR 97440, USA. Vale a pena e é baratinho.

● Para os fãs de Dick: *Divine Invasions: A Life of Philip K. Dick*, de Lawrence Sutin (Carol Publishing Group/Citadel, 0-8065-1228-8, US\$12.95, 352 pg, tp), e/ou *The Selected Letters of Philip K. Dick: 1974* (Underwood-Miller, 0-88733-104-1, US\$39.95, 314 pg, hc).

● *All My Roads Before Me: The Diary of C. S. Lewis 1922-1927*, é uma boa dica para os fãs do escritor (Harcourt Brace Jovanovich, 0-15-104609-3, US\$24.95, 508 pg, hc).

● Para incrementar sua biblioteca de referência, anote: *The Second Marxian Invasion: The Fiction of the Strugatsky Brothers*, de Stephen W. Potts (Borgo Press, 0-89370-279-X, US\$12.95, 104 pg, tp, P. O. Box 2845, San Bernardino CA 92406), e *Fictional Space: Essays on Contemporary Science Fiction*, editado por Tom Shippey (Basil Blackwell/Humanities Press, 0-391-03688-2, US\$70.00, 227 pg, hc, 165 First Ave., Atlantic Highlands NJ 07716).

● Em comemoração ao centenário de nascimento de J.R.R. Tolkien (em 03 de janeiro pf.), a Grafton Books e a Houghton Mifflin publicarão uma edição especial de *O Senhor dos Anéis*, cada volume contendo ilustrações coloridas de autoria de Alan Lee (50 no total). A edição da Grafton deve estar disponível em capa-dura e brochura (set/91), luxo (nov. 91) e "omnibus" tanto em capa-dura como em brochura (jan.92).

A edição da Mifflin aparecerá em nov.91 juntamente com uma edição revisada de *The Atlas of Middle-Earth*, de Karen Wynn Fonstad, e uma nova edição em brochura de *The Father Christmas Letters*.

Ao todo serão mais de 50 livros sendo publicados por ambas editoras, consideradas as várias edições comemorativas de livros de e sobre Tolkien, e ainda os *1992 Tolkien Calendar* (ilustrado por Ted Nasmith), *Tolkien Diary* (com ilustrações do próprio Tolkien) e *Hobbit Birthday Book*.

- Muita gente escrevendo e perguntando como assinar revistas e adquirir livros no exterior. Bem, uma alternativa é procurar uma livraria especializada, como a Book Centre, e fazer a encomenda; é bastante prático, pois eles mesmos se encarregam de tudo. Outra alternativa é escrever aos editores e solicitar o envio de um "invoice", ou seja, uma fatura, que posteriormente deverá ser levada a um banco ou aos Correios, pois ambos têm serviços de câmbio para atender estes casos e onde o interessado recebe toda a orientação necessária.

Caso opte pela segunda alternativa, não se esqueça de fornecer todos os detalhes para identificação inequívoca do item que você deseja, indicando ainda se quer a remessa feita via aérea ou via superfície (neste caso, muito mais barata mas mais lenta: em torno de três meses).

Cinema e Vídeo

- O ator James Franciscus, que trabalhou no filme *O Planeta dos Macacos* (*Beneath the Planet of the Apes*, 1969), faleceu em Hollywood aos 57 anos, vítima de enfisema. Franciscus nasceu em Clayton (Missouri), tendo estudado na Universidade de

Yale. Seu primeiro filme foi estrelado em 1957, e desde então participou de um grande número de filmes e seriados de TV, entre os quais *Mr. Novak*, onde fazia o papel de um professor de inglês que o transformou num ídolo dos adolescentes americanos da época.

- De acordo com a Carolco (produtora) e a Tri-Star (subsidiária da Columbia e distribuidora), o filme *The Terminator 2: A Judgement Day*, com Arnold Schwarzeneger, custou nada menos que US\$ 88 milhões; entretanto, há quem afirme que, na verdade, o custo final ultrapassou a cifra dos US\$ 100 milhões. Em compensação, a mais cara produção da história do cinema arrecadou, em apenas três semanas, mais de US\$ 115 milhões.

Enquanto isso, o vídeo de *O Exterminador do Futuro*, de 1985, já ocupa o quarto lugar na lista dos mais vendidos nos EUA; até fins de junho já haviam sido vendidas mais de 500 mil cópias.

- George Lucas vai mesmo produzir mais um filme no universo de *Star Wars*. A estória do novo filme se passa, cronologicamente, antes dos três já produzidos. No conjunto, os planos de Lucas incluem nove filmes: os três já feitos, três com estórias cronologicamente anteriores e três posteriores.

- Tão logo termine *Hook*, com novas aventuras de Peter Pan, o diretor Steven Spielberg deverá se dedicar às filmagens de *Jurassic Park*, baseado no livro homônimo e que fez muito sucesso. Trata-se da estória de dinossauros mecânicos de um parque de diversões que, de repente, ficam fora de controle.

• • •

DON WOLLHEIM

“O Fã Que Fez Tudo”

R. C. Nascimento

A revista Locus de dezembro de 1990 trouxe a notícia do desaparecimento de um dos mais importantes e significativos nomes ligados ao gênero, Don Allen Wollheim. Como prometido, estamos trazendo para vocês um resumo da vida e obra deste extraordinário personagem: além de se prestar merecida homenagem a um homem que dedicou toda sua vida à FC, registra-se aqui mais um pedaço da própria história do gênero.

Nascido na cidade de New York a 1º de outubro de 1914, filho de J. L. Wollheim, um médico, e de Rose Grinnell, Donn tomou contato com a FC logo aos 11 anos, e dois anos depois já era um aficionado do gênero no qual acabaria sendo colecionador, escritor, editor e publicador, tendo recebido em 1975, na AussieCon, a 33ª WorldCon realizada em Sydney, Austrália, uma placa comemorativa especial dedicada “ao fã que fez tudo”.

Nos anos 30 Don tornou-se um dos primeiros membros do nascente fandom americano, contribuindo para vários fanzines e tornando-se um dos mais ativos membros da maioria dos clubes de FC recém surgidos. Don não tinha papas na língua, e sua briga com

Hugo Gernsback para receber os direitos por sua primeira estória, *The Man From Ariel* (*Wonder Stories*, jan/1934), à qual se juntaram outros jovens fãs e autores, logo o colocou na linha de frente de quase todas as lutas, discussões e querelas que ocorreram no fandom na década de 30 e início dos anos 40, a ponto de acabar sendo expulso da *Science Fiction League*, dominada por Gernsback, por ser considerado como uma “influência desagradadora”.

Don foi responsável por aquela que pode ser considerada como a primeira convenção de FC, realizada em 22 de outubro de 1936, em Philadelphia, uma reunião de fãs locais com representantes de diversos grupos de fãs de New York. Esta reunião foi muito bem organizada, tendo inclusive uma programação discutida e fixada previamente; todas as futuras convenções, inclusive as WorldCons, são fruto daquela primeira reunião durante a qual foram debatidos os planos para a realização de encontros regionais e nacionais.

Em 1937 Don organizou a Fantasy Press Association (FAPA), primeiro grupo amador dedicado à

publicação de FC e ainda hoje em funcionamento. Seu fanzine *The Phantagraph*, publicado de 1934 a 1946, foi uma das publicações que maior vida tiveram na época. Aliás, uma seleção dos melhores trabalhos desta fase foi posteriormente publicada em 1967 sob o título de *Operation Phantasy: The Best From the Phantagraph*.

Em 1938, com outros amigos e fãs de FC, fundou o mais famoso de todos os fã-clubes do gênero, o *The Futurians*, que operou até 1945, e de cujos quadros surgiram futuros escritores, editores, agentes e publicadores que iriam mudar a face da FC nos anos 50 e seguintes. O clube produziu fanzines, manifestos e uma série de outras publicações, e envolveu-se paralelamente com política e problemas comunitários; sua atuação era tal que Wollheim, Pohl, Lowndes, John Michel e Kornbluth foram excluídos da NyCon, a 1ª WorldCon realizada em New York em 1939, por serem considerados como "influências perigosas".

Inicialmente dedicado ao movimento gerado pelo fandom, o clube aos poucos mudou sua atuação a partir do início da década de 40, passando a se preocupar mais de perto com os aspectos profissionais da produção de seus sócios, muitos dos quais, como Asimov, Pohl, Kornbluth, Blish, Judith Merrill, Lowndes, Richard Wilson, David Kyle, Damon Knight, Virginia Kidd e Larry Shaw, tornaram-se importantes nomes do gênero. O clube era afinal um intenso e permanente workshop voltado à produção literária, editoração e publicação de FC, e muitos de seus afiliados dedicavam-se a todas estas atividades. As Milford Conferences, criadas mais tarde por Damon Knight, Judith Merrill e James

Blish, foram baseadas no esquema de imersão total usado pela primeira vez pelos Futurians; por sua vez, os Clarion Workshops, de uma forma ou outra, surgiram a partir do esquema montado pelas Milford Conferences.

Don escreveu vários contos nos anos 40 e início da década de 50, quer sozinho, quer em parceria com outros futurians; vários destes foram colecionados mais tarde em *Two Dozen Dragons Eggs* (1969), *The Men From Ariel* (1982) e *Up There and Other Strange Directions* (1988). Mas sua verdadeira vocação explodiu quando conseguiu seu primeiro trabalho como editor.

Em 1941 Don foi convidado a editar dois novos magazines de FC da Albin Publications, *Stirring Science Stories* (1941-42) e *Cosmic Stories* (1941). Sem recursos financeiros e apenas com a promessa de receber seus salários e poder pagar os colaboradores caso os magazines ultrapassassem três números, Don lançou-se ao trabalho e obteve a colaboração gratuita de vários futurians como Asimov, Blish, Kornbluth, Lowndes, Knight e outros, tendo ele próprio colaborado com alguns trabalhos. Os magazines eram ilustrados por Hannes Bok (1914/1964), Roy Hunt e outros desenhistas iniciantes que viam, nesta, uma oportunidade de mostrarem seu talento.

Os magazines afinal não foram em frente, mas a experiência conseguida por Don lançou-o definitivamente como editor profissional. Em 1942 foi trabalhar para a Ace Publications, onde ficou até 1947, editando vários magazines — embora nenhum deles dedicado a FC.

Em 1943, mesmo ano em que se casou com Elzie Balter, Don editou a

primeira antologia popular de FC, a *The Pocket Book of Science Fiction*, que teve um enorme significado para o desenvolvimento e reconhecimento do gênero. Esta antologia foi seguida, em 1945, por *Viking Portable Novels Of Science Fiction*, a primeira antologia de FC em capa dura, e de uma importante editora, e o primeiro *omnibus* do gênero, e em 1949 por *The Girl With the Hungry Eyes*, a primeira antologia de trabalhos originais de FC.

Em 1947 Don se transferiu para a Avon Books, onde permaneceu até 1952, período durante o qual publicou 18 volumes da primeira das séries de antologias de FC, a *The Avon Fantasy Readers*. Estas antologias reeditaram o que de melhor já se havia publicado no gênero, e trouxe de volta nomes como Robert E. Howard, H. P. Lovecraft, Clark Ashton Smith e outros não muito conhecidos pela nova geração de leitores de então.

Em pouco tempo Don se transformou em editor assistente, atuando tanto na linha dos já tradicionais pulps quanto na dos novos e promissores pockets. Pouco tempo depois, com a saída do editor chefe, Don acabou responsável por toda editoração da Avon, nas linhas de pockets e magazines, durante os dois anos seguintes. Nesta fase fez publicar vários livros de FC, notadamente toda obra de A. Merritt, que reeditou, e a coletânea *The Fox Woman and Others*, do mesmo autor; três volumes da nova série de antologias *The Avon Science Fiction Readers*, e diversos magazines como *Out of This World Adventures* (jul/dez/50), *10 Story Fantasy* (um único número, em 1951) e outros menos significativos, todos de curta duração.

Em 1952 Don retornou à Ace e conseguiu convencer A. A. Wyn, com quem já havia trabalhado quando editor dos pulps, a entrar no mercado popular editando livros em brochura. Criaram então a Ace Books e os agora famosos *Ace Doubles*, duas novelas num mesmo volume, encadernadas costas com costas. Publicaram aqui uma extensa linha, incluindo westerns, crime (inclusive a primeira novela de William Burroughs) e suspense, mas sobretudo FC. O novo esquema permitia reeditar um trabalho bastante conhecido juntamente com um original de autor menos famoso, e assim retomava o que os pulps faziam uma década antes, ou seja, abrir espaço para novos talentos se desenvolverem e conquistarem seu próprio mercado.

Na Ace, Don desenvolveu ou ajudou a desenvolver nomes como Robert Silverberg, Marion Zimmer Bradley, Poul Anderson, Leigh Brackett, John Brunner, A. Bertram Chandler, Avram Davidson, Samuel R. Delany, Philip K. Dick, Gordon R. Dickson, Damon Knight, Ursula K. Le Guin, R. A. Lafferty, Fritz Leiber, Thomas Burnett Swann, A. E. Van Voght, Jack Vance, Roger Zelazny e muitos outros.

Após algum tempo, a Ace passou de publicar livros na apresentação tradicional (um por edição), bem como livros especialmente volumosos. Wyn foi gradativamente encerrando a publicação dos magazines e dos livros em capa dura, a deixou Don transformar a Ace numa editora praticamente devotada à publicação de FC. Em 1960, Ace e Ballantine eram então as duas editoras que dominavam o mercado popular de FC, que consolidaram com os livros em brochura ao editarem originais no novo formato

ao invés de reeditarem trabalhos já publicados em capa dura.

Provavelmente o mais importante autor desenvolvido por Don foi Andre Norton, a mais prolífica dentre os autores da Ace. Seus mais de vinte livros editados por aquela casa foram responsáveis por trazer mais leitores para o gênero do que o trabalho de qualquer outro autor, exceto talvez Robert A. Heinlein com seus livros voltados aos adolescentes. A série *Witch World* reviveu a aventura de fantasia, esquecida desde seus melhores dias com Kuttner e Moore nos anos 40. Norton era a mais popular dos autores da Ace, e ainda hoje é uma das mais populares dentre os autores do gênero.

Em 1964 Don contratou Terry Carr como seu assistente e deu-lhe a incumbência de desenvolver a *Ace Specials*, uma série voltada mais aos aspectos literários do que comerciais; a bem sucedida série, que publicou, entre outros, nomes como Ursula K. Le Guin, R. A. Lafferty e Russ Compton, lançou as bases da carreira de Carr como editor. Juntos, Don e Carr criaram e editaram, de 1965 a 1971, a *The World's Best Science Fiction*, a mais famosa série tipo *best of the year* da época.

Os direitos de *Dune* em brochura foram adquiridos pela Ace em 1965, e a partir de então o livro de Herbert se transformou num sucesso definitivo conquistando uma legião de admiradores.

No início da década de 60, Don trouxe de volta os trabalhos de Edgar Rice Burroughs para o público em geral. A maioria dos livros de Burroughs estava esgotado, e os herdeiros não estavam interessados em vender os direitos; ocorre que muitos destes

direitos não haviam sido renovados e haviam caído em domínio público. Os livros, lançados com capas ilustradas por Frank Frazetta e Roy Krenkel, tornaram-se sucesso imediato e obrigaram os herdeiros de Burroughs a colocarem os demais títulos no mercado, via Ace e Ballantine.

Caso semelhante ocorreu com os trabalhos de J. R. R. Tolkien. Os livros estavam em domínio público porque a Houghton Mifflin tinha importado material já impresso ao invés de imprimir sua própria edição, e não estavam interessados em vender os direitos de publicação em brochura. A Ace publicou então a primeira edição em brochura, não autorizada ainda que absolutamente legal, e causou tamanho furor que Tolkien revisou os livros de modo a poder obter novos direitos e, então, os vendeu à Ballantine. Ainda que Don e a Ace tenham passado por vilões neste episódio, o fato é que sem a publicação da Ace é provável que o verdadeiro *boom* de Tolkien jamais tivesse acontecido.

A Ace jamais deixou de lado outras linhas; assim, quando o romance gótico ressurgiu com toda força nos anos 60, a editora estava preparada para isso. Don foi o primeiro a usar uma capa em que aparecia um castelo com uma das janelas iluminada; a partir de então, esta imagem se tornou o próprio símbolo do gótico como gênero literário.

Mesmo enquanto editor da Ace Books, Don continuava ativo tanto como antologista quanto escritor, para a Ace e outras casas. Escreveu uma série de novelas juvenis para a *Winston Adventures*, sob o pseudônimo de David Grinnell, começando com *The Secret of Saturn* (1954), bem como os oito volumes da série *Mike Mars*, para

a Doubleday, iniciada com *Mike Mars, Astronaut* (1961). Além do pseudônimo de Grinnell, Don ainda usou outros como Millard Verne Gordon, Martin Pearson, Lawrence Woods, W. Malcolm White, Wallace Baird Hallek, Graham Conway e Zachary Good, além é claro dos vários *house-names* que compartilhou com outros futuristas nos bons tempos do grupo. Algumas das mais importantes antologias que editou nos anos 50 e 60 foram *Flight Into Space, Prize Science Fiction, Adventures in the Far Future e Terror in the Modern Vein*.

Curiosamente, um de seus livros mais importantes não foi uma antologia e nem mesmo ficção. *The Universe Makers* (1971) é uma discussão dos temas e filosofia em FC, e mostra quão importante é o gênero para o futuro.

A Ace Books foi vendida em 1968, após a morte de Wyn, e seus novos proprietários entendiam muito pouco do negócio editorial. A companhia entrou rapidamente em declínio e, em 1971, Don se demitiu e decidiu formar sua própria companhia, a DAW Books.

A DAW, com financiamento, suporte e serviços assegurados pela New American Library, publicou seus primeiros quatro livros em abril de 1972, incluindo um livro do universo de Witch World, de Andre Norton, e uma coletânea de A. E. Van Voght. Com a companhia, Don deu o passo final em sua carreira no ramo editorial; a partir de então, era o dono da primeira editora popular americana dedicada primordialmente à FC.

Os livros da DAW tornaram-se imediatamente em séries colecionáveis. Eram numerados, tinham lombada amarela (até 1984) facilmente reconhecível e traziam uma ampla

gama de gêneros como fantasia, aventura e FC, tanto de autores consagrados quanto de novos talentos; ou seja, o mesmo *mix* de sucesso da Ace nas décadas de 50 e 60. Muitos dos autores desenvolvidos por Don, na Ace, acompanharam-no na Daw, como Bradley, Norton, Dick, Brunner, Bulmer, Chandler, Dickson, Swann, Van Voght e Vance.

Sua mais importante descoberta na DAW foi C. J. Cherryh, hoje uma das mais importantes dentre os autores de FC, além de outros que descobriu ou desenvolveu, como Tanith Lee, Jennifer Robertson, Michael Shea, Ron Goulart, Ian Wallace, Suzette Haden Elgin, Sharon Green, Tad Williams, M. A. Foster e C. S. Friedman. Don foi ainda responsável por garantir um mercado americano estável a vários autores ingleses como Michael Moorcock, E. C. Tubb, Brian Stableford, Barrington Bayley e Michael Coney.

Foi também responsável pela publicação da obra de vários autores de língua não inglesa, como os irmãos Strugatski, Sam Lundwall, Gerard Klein, Pierre Barbet e Herbert W. Franke, bem como de várias antologias com trabalhos traduzidos para o inglês. Sua *Best From the Rest of the World* é uma antologia pioneira cuja iniciativa deveria ter continuidade.

Don deu continuidade, a partir de 1972, à série de antologias *Annual World's Best Science Fiction*, com a ajuda de Arthur W. Saha, além de publicar uma importante série de antologias editadas por Asimov/Greenberg, as *The Great SF Stories*, cobrindo o gênero desde 1939 numa retrospectiva ano a ano.

Seu estado de saúde começou a declinar em 1985, quando então pas-

sou o cargo de editor chefe para sua filha, Betsy, que já era editora na DAW há vários anos. Betsy assumiu logo depois a presidência da companhia, continuando a contar com a ajuda de sua mãe, Elzie Wollheim, que administra a empresa desde sua fundação. Don manteve-se de alguma forma ativo junto à DAW até 1988, quando sofreu um derrame; e, mesmo depois disso, continuou como consultor da editora até sua morte em 2 de novembro de 1990.

Don Wollheim recebeu os seguintes prêmios:

– 1975, Special Award, Aussie-Con I (Sydney, Austrália, 33ª World-Con)

– 1981, World Fantasy Award, DAW Books

– 1986, World Fantasy Award, Special Award

– 1988, Guest of Honor, Nolas-Con II (New Orleans, 46ª WorldCon)

Foi ainda membro das seguintes entidades, quer ligadas ao seu campo profissional, quer dedicadas a outra de suas grandes paixões – o colecionismo de soldadinhos de metal:

– Science Fiction Writers of America

– Mystery Writers of America

– Western Writers of America

– Aviation Space Writers Association

– National Association of Books Editors

– Burroughs Bibliophiles

– American Rocket Society

– Miniature Figure Collectors of America

– British Model Soldier Society.

• • •

A Máquina do Tempo e a Morte na Ficção Científica

Marcos do Rio Teixeira

A máquina do tempo aparece frequentemente como um dos clichês da ficção científica, estando presente em um grande número de obras no gênero, de qualidade e estilo variáveis. Dentre estas selecionamos 13 contos que a nosso ver constituem um exemplo típico do desenvolvimento do tema ⁽¹⁾. Para os que não estão familiarizados com a literatura de ficção científica cabe aqui uma breve descrição do funcionamento desta

máquina singular. Trata-se de um aparelho que possibilita ao sujeito deslocar-se através do tempo, viajando para o passado e/ou para o futuro (na grande maioria das histórias – as que interessam ao nosso estudo – apenas numa direção) e retornando ao presente sem maiores dificuldades do que numa viagem por um meio de transporte comum. Alguns autores chegam a sofisticar a invenção, elaborando leis, postulados e paradoxos

do “deslocamento transtemporal”, outros não conseguem ir além do estereótipo.

Poderíamos nos deter por aqui, onde já teríamos material suficiente para tecer comentários redundantes sobre a “imaginação arrojada” e o “espírito profético” dos escritores de ficção científica, como é o caso da maioria da crítica. Há porém alguns detalhes que para nós permanecem intrigantes. Em primeiro lugar, a máquina praticamente só é utilizada para viagens ao passado. Entre os 13 contos que foram estudados apenas 2 tratam da vinda de seres do futuro à nossa época⁽²⁾, sendo os 11 restantes narrativas de viagens ao passado. Não conseguimos encontrar nenhuma obra de ficção científica que trate de viagens ao futuro, e acreditamos que, se existirem, devem ser muito poucas. Isto é no mínimo estranho, pois estaria mais de acordo com o alardeado “espírito de antecipação” se os autores escrevessem sobre o futuro desconhecido, em lugar de mandarem seus personagens para o passado já conhecido por todos. Não há nenhuma explicação para este fato nos textos. Jud Elliott, personagem central de *Os Correios do Tempo*, diz apenas: “Não há qualquer possibilidade de seguir para o futuro.”⁽³⁾ Em outras histórias não há nem sequer uma simples menção do fato.

Além disto, outro ponto comum nas narrativas é que as viagens ao passado são quase sempre seguidas por alterações trágicas na História, desencadeadas por pequenos acidentes provocados pelos viajantes. (Isto é explicado por uma das leis do “deslocamento transtemporal”, que diz que qualquer modificação no passado, mesmo em escala mínima, acarreta

uma reação em cadeia capaz de alterar radicalmente a história futura). Estas alterações acabam resultando na sua morte. Assim, Jud Elliott, o jovem correio, viaja ao século XII para seduzir sua multitetravó e provoca uma série de paradoxos temporais que culminam na sua destruição. Em *Os homens que mataram Maomé*, Henry Hassel, um “cientista louco”, assassina vários personagens históricos gerando transformações que o convertem num fantasma. Em um mini-conto interessantíssimo chamado *Fim*, cujo enredo é trabalhado de outra forma em *Perpetuum*, os personagens são condenados a repetirem o mesmo instante das suas vidas, vítimas de um paradoxo temporal. Já o cientista de *Famosas primeiras palavras* é fulminado por um raio ao investigar o passado. Mas é *Um som de trovão*, uma das obras-primas do mestre da Ficção científica Ray Bradbury, que melhor ilustra o tema. Eckels, um caçador amador, viaja à pré-história num insólito safári para matar um *Tyrannosaurus rex*, mas ao vê-lo fogue amedrontado, esmagando distraidamente uma pequena borboleta. Ao retornarem à sua época outro viajante percebe as modificações catastróficas causadas pelo seu descuido e revolta-se contra ele, matando-o.

Com base nestes dados podemos esboçar um pequeno esquema que com pequenas mudanças pode ser aplicado praticamente a todas as fontes narrativas sobre a máquina do tempo. O esquema é bastante simples e compõe-se de apenas três partes: a) o personagem viaja ao passado através da máquina do tempo; b) lá chegando provoca um pequeno acidente; c) as alterações que este acidente desencadeia na História acabam resultando

na sua morte, ou num estado análogo à morte.

Quanto ao primeiro ponto, já vimos como os autores não fornecem qualquer justificativa para que as viagens no tempo sejam sempre no sentido do passado; contudo uma passagem de *Moisés e o Monoteísmo* nos chama a atenção: "As eras há muito tempo passadas — nos diz Freud — exercem uma grande e frequentemente enigmática atração para a imaginação dos homens. Sempre que estão insatisfeitos com seu ambiente atual — e isso acontece quase sempre — se voltam para o passado e esperam ser capazes de demonstrar a verdade do imperecível sonho de uma Idade do Ouro. Provavelmente ainda se encontram sob o encantamento de sua infância, que lhes é apresentada por sua memória não imparcial como uma época de ininterrupta felicidade."⁽⁴⁾ Se por outro lado a hipótese de Freud contribui para esclarecer a nossa questão, principalmente quando observamos a euforia manifestada pelos personagens diante da idéia de virem a conhecer o passado, por outro lado ainda restam alguns pontos que parecem obscuros. Subscrevemos portanto a hipótese freudiana, acrescentando porém uma outra possível determinação para as viagens ao passado. Pensamos que este retorno à Idade do Ouro seria talvez uma defesa contra algo que, no futuro, se apresenta como ameaça. Haveria no futuro alguma coisa que representaria um perigo tão terrível para o ego que o único meio de escapar seria a fuga ao passado mais distante. Mas qual seria esse perigo? É o próprio Freud que nos fornece a resposta a esta questão: é sem dúvida da Morte que estamos falando. Ela é o destino que está reser-

vado no futuro não só aos seres humanos mas a todos os seres vivos. A certeza deste destino inevitável está contida no nome que os gregos antigos reservavam àquela que, na sua mitologia, desempenhava a função de cortar o fio da vida: a Inexorável (entretanto, como veremos mais adiante, esta é uma certeza que é sempre posta entre parênteses pelo sujeito).

É o desenrolar contínuo desse fio, é o tempo que passa, que se escoá, que caminha inflexivelmente em direção à morte inadiável o que tanto angustia os poetas e escritores desde longa data. *Tempo Voraz* de Shakespeare, que consome a juventude e marca a beleza com os traços da velhice; tempo que urge do Coelho Branco de *Alice no País das Maravilhas*, para quem é sempre "Muito tarde! Muito tarde!" Tempo com o qual é sempre possível entrar num acordo (Caetano Veloso) imaginário, acordo que é tanto mais sustentado quanto mais é desde o início insustentável. A máquina do tempo é a materialização desse acordo (desse compromisso) que transforma o tempo numa extensão percorrível à maneira do espaço, onde o ego pode sempre tomar o caminho oposto à morte. Tomando esse caminho ele pode chegar a uma época em que ele era ainda o único objeto de amor, e em que não havia nada que pudesse demovê-lo da crença em sua onipotência e imortalidade.

Este momento corresponde ao segundo ponto do nosso pequeno esquema — a chegada do viajante do tempo ao passado. Contudo aquilo com que ele se defronta não é bem exatamente uma Idade do Ouro, mas uma paisagem estranha e hostil, *habitat* dos monstros que povoam as páginas de *Leviatã, Um Pássaro na Mão*

e *Um Som de Trovão*: “Estavam em meio à selva arcaica. Gritos distantes de aves passavam no vento, junto com o cheiro de betume e de um antigo mar salgado, de relva úmida e de flores cor de sangue.”⁽⁵⁾ Não podemos deixar de lembrar o fragmento de Freud em *Achados, Idéias, Problemas*: “Com os neuróticos, é como se estivéssemos numa paisagem pré-histórica – no Jurássico, por exemplo. Os grandes sáurios ainda andam por ali; as cavalinhas crescem tanto quanto as palmeiras (?)”⁽⁶⁾

Para o sujeito este é o momento em que o compromisso vacila diante das pressões maiores do recalçado, com o qual ele corre o risco de se defrontar, pois ele se apresenta de forma perigosamente clara. Eckels foge aterrorizado diante do *Tyrannosaurus rex*. Mas se o recalçado não pode ser lembrado, ele retornará na ação. Estas atuações aparecem nas narrativas com traços marcadamente hetero-agressivos (a borboleta esmagada por Eckels em *Um Som de Trovão*, os assassinos de celebridades cometidos pelo cientista de *Os Homens que Mataram: Maomé*, e também presentes em *Os Correios do Tempo*). Isto encerra o segundo ponto e nos conduz à terceira e última parte das narrativas: o instante em que a Pulsão de Morte, vitoriosa, cobra a sua parte; o que tanto pode significar a simples desaparecimento fulminante dos personagens como a sua prisão numa cadeia de ações compulsivas. A semelhança com o mito grego é flagrante: Sísifo, rei do Corinto, tenta de várias maneiras burlar a Morte. Como punição é condenado no Hades a repetir eternamente uma mesma tarefa: rolar uma enorme rocha até o cume de uma montanha, de onde ela sempre lhe escapa.

Mas se até foi fácil nos seguir nesta tentativa de leitura psicanalítica de alguns textos de ficção científica, agora é necessário colocar alguns problemas teóricos. Recapitulando os passos que foram dados até aqui: primeiramente, baseados no ponto de vista da teoria freudiana, levantamos a hipótese de que a máquina do tempo materializaria uma defesa contra o medo da morte; que ela se constituiria como um compromisso (forma que assumem as produções do inconsciente), o qual manifestaria um conflito provavelmente entre os componentes egóicos da Pulsão de Vida e os componentes auto-destrutivos da Pulsão da Morte. Vimos ainda como este compromisso ameaçaria ceder diante das pressões do recalçado, que se apresentaria de forma perigosamente nítida, e como este recalçado, não podendo ser lembrado, retornaria na compulsão à repetição. Agora vejamos a que impasses teóricos nos conduzem estas hipóteses.

Em primeiro lugar, utilizamos conceitos freudianos como formação de compromisso; retorno do recalçado etc., num texto cujo tema central é a Morte. Porém é Freud quem nos diz que “a morte é um conceito abstrato com um conteúdo negativo para o qual nenhum correlativo inconsciente pode ser encontrado”⁽⁷⁾. Ora, se o medo que o sujeito tem da morte não possui representação alguma no inconsciente, se “o inconsciente parece nada conter que pudesse dar qualquer conteúdo ao nosso conceito de aniquilamento da vida”⁽⁸⁾, se “no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade”⁽⁹⁾, então qual o conteúdo que poderia estar recalçado para retornar na compulsão à repetição? Além disso, um segundo

impasse teórico seria o de que, forçados a nomear as duas forças envolvidas no conflito, criamos um falso dualismo entre componentes pulsionais egóicos e auto-destrutivos que não encontra respaldo algum na teoria freudiana pois, entre outras coisas, não inclui as pulsões sexuais.

Diante disso como nos situaríamos então? É novamente em Freud que vamos encontrar resposta. "Estou inclinado, portanto — diz ele — a aderir ao ponto de vista de que o medo da morte deve ser considerado como análogo ao medo da castração, e que a situação à qual o ego está reagindo é de ser abandonado pelo super-ego protetor — os poderes do destino —, de modo que ele não dispõe mais de qualquer salvaguarda contra os perigos que o cercam."⁽¹⁰⁾ Ao situar o campo de castração, pedra angular da psicanálise, considerando o medo da morte como análogo ou com "um desenvolvimento"⁽¹¹⁾ do medo da castração, colocamos as narrativas de viagens do tempo sob novo prisma. A máquina do tempo realizaria então o desejo de transportar o sujeito a um tempo utópico, anterior à castração. Este tempo místico, de uma complexidade imaginária, que se quer anterior a todo tempo, anterior mesmo à própria linguagem, dela não escapa pois é na linguagem que Eckels encontra a morte, o cartaz da agência de viagens escrito numa forma dialetal sendo a senha para a sua execução.

Se, como dissemos antes, o sujeito coloca entre parênteses a certeza da sua própria morte, ele não deixa de colocar assim também a lei do incesto e seu correlato, a castração. Mas é no próprio clima incestuoso de *Os Correios do Tempo*, onde os personagens viajam ao passado para seduzir suas

antepassadas, que aprendemos que colocar entre parênteses não significa o mesmo que abolir. Num diálogo pseudo-psicanalístico sobre os motivos para seduzir suas parentas, Jud Elliott pergunta ao seu iniciador porque ele não começara com a sua própria mãe, ao que nosso sensato cosmonauta se apressa a responder: "Tudo tem os seus limites." As linhas de relação não deixam de se multiplicar. Cronos é também o nome do Deus que na mitologia grega armouse de uma foice para castrar seu pai. Seria necessário que se aprofundassem os estudos acerca da ligação tempo/morte/castração, tarefa que a exigüidade do nosso projeto não nos permite cumprir. Que o mérito deste ensaio seja, portanto o de fornecer indicações para uma das possíveis linhas de investigação acerca do tema.

Referências:

- 1 — *Os Correios do Tempo*, Robert Silverberg, Galeria Panorama
A História em Perigo, John Brunner, Galeria Panorama
O Dia dos Duques do Berro, Frederik Pohl, em *Mestres da Ficção Científica*, edições *O cruzeiro*
Assistência Técnica, Philip K. Dick, em *Magazine de Ficção Científica*, *O cruzeiro*
Um Som de Trovão, Ray Bradbury, em *Os Frutos Dourados do Sol*, Francisco Alves
Fim, Frederik Brown, em *Grilo* nº 18, Arte & Comunicação Ed.
Um Pássaro na Mão, de Larry Niven, em *Antologia de FC* nº 2, Ed. Globo
Leviatã, de Larry Niven, em *Homem*, nº 27, Ed. Abril
Perpetuum, de José Coiro, MFC nº 11

Os Homens que Mataram Maomé, de Alfred Bester, MFC nº 1

O Mistério de Stonehenge, de Harry Harrison, em MFC nº 2

Famosas Primeiras Palavras, de Harry Harrison, em MFC nº 8

O Lago do Sol, de George C. Chesbro, em MFC nº 20

2 – *Assistência Técnica e O Dia dos Duques do Berro*

3 – *Os Correios do Tempo*, pag. 31, grifado no original

4 – *Moisés e o Monoteísmo*, Ed. Standard Brasileira, vol. XXIII, pag. 89

5 – *Um Som de Trovão*, pag. 115

6 – *Achados, Idéias, Problemas*, pag. 335

7 – *O Ego e o Id*, E. S. B., vol. XIX, pag. 75

8 – *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, E. S. B., vol. XX, pag. 153

9 – *Reflexões Sobre os Tempos da Guerra e Morte – Nossa Atitude Para com a Morte*, E. S. B., vol. XIV, pag. 327

10 – *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, pag. 153

11 – *O Ego e o Id*, pag. 75

Robert Heinlein

Norton Coll

Toda biografia resumida tende a ser enfadonha, contendo mais dados que se deseja saber e passando por cima do essencial. Tentando escapar dessa triste sina para leitores e resenhadores, penso que bastaria enfatizar que o nome Heinlein é uma constante em todas as listas de autores de *sci-fi* em qualquer tempo.

Bem, Robert Anson Heinlein nasceu em 07 de julho de 1907 e faleceu em 08 de maio de 1988. Foi um controvertido escritor de ficção científica, de estilo irreverente, quase sempre cínico, dotado de raro poder de atração e envolvimento do leitor. Foi honrado 4 vezes com os louros máximos da área de ficção científica, o prêmio Hugo, por suas obras *Double Star* (*Estrela Dupla*, 1956), *Starship Troopers* (*Soldados do Espaço*, 1960), *Stranger in a Strange Land* (*Estranho*

numa Terra Estranha, 1962) e *The Moon is a Harsh Mistress* (*A Lua é uma Amante Cruel*, 1967). Recebeu ainda o galardão de Grão Mestre pela Science Fiction Writers of America em 1974. Seu primeiro conto intitulou-se *Life Line* (*Linha da Vida*), publicado pela revista *Astounding* em agosto de 1939, dirigida pelo famoso também escritor John Campbell Jr.. Este conto pode ser encontrado em português em qualquer edição de *O Homem que Vendeu a Lua*. Para animar os brasileiros que atravessam esse duro período de recessão, é interessante saber que Heinlein começou a escrever regularmente para aumentar seus ganhos, já que a pensão da Marinha (onde fora artilheiro) não era suficiente. Isto em plena recessão americana. A revista lhe pagava um cent por palavra e acabou ganhando US\$ 70,00 por esse primeiro conto.

Interrompeu seu trabalho como autor em plena guerra, voltando a trabalhar para o Governo, desta vez como engenheiro da Marinha,

Sua novela *Estranho numa Terra Estranha* foi o mais vendido dos livros de FC até hoje. Contudo, o militarismo defendido em *Soldados do Espaço* lhe proporcionou dissabores e críticas (quem não as recebe?) e fez engasgar todo um projeto de transposição da estória para o cinema. O primeiro capítulo desse livro permanece como **um dos relatos de mais estonteante ação já escritos**, o que pode ser verificado, descontando a pobreza da tradução, no número 129 da coleção Argonauta.

Entre outros prêmios que recebeu está o Sequoyah Award canadense, pela melhor novela infanto-juvenil do ano: *Have Space Suit - Will Travel*. Entretanto, de acordo com o relato de sua viúva, das homenagens que mais o emocionaram foi ter sido convidado para paraninfo dos formandos de seu antigo colégio, em 1972.

Além dos 3 livros premiados com o Hugo, podemos recomendar *Porta Para o Verão* (Argonauta 111 ou Caminho 41), *Os Filhos de Matusalém* (Argonauta 137, Europa-América 33 ou ainda em edição Francisco Alves) e *A História do Futuro*, infelizmente disponível em português apenas nos raros Argonautas 243/44/45.

Bibliografia de R. Heinlein

Assignment in Eternity
Best of Robert Heinlein, The
Between Planets
Beyond This Horizon
Cat Who Walks Through Walls, The
Citizen of the Galaxie
Day After Tomorrow, The
Destination Moon
Door Into Summer

Double Star
Expanded Universe
Farmer in the Sky
Farnham's Freehold
Friday
Green Hills of Earth, The
Grumbles From the Grave
Have Space Suit-Will Travel
I Will Fear No Evil
Job, a Comedy of Justice
Man Who Sold the Moon, The
Menace From Earth, The
Metshulah's Children
Moon is a Harsh Mistress, The
Notebook of Lazarus Long
Number of the Beast, The
Orphans of the Sky
Past Through Tomorrow, The
Podkayne of Mars
Puppet Masters, The
Red Planet
Revolt in 2100
Rocketship Galileo
Rolling Stones, The
Sail Beyond the Sunset, The
Sixth Column
Space Cadet
Space Family Stone
Star Beast
Starman Jones
Starship Troopers
Story Road
Stranger in a Strange Land
Three by Heinlein
Time for the Star
Tomorrow the Stars
Tunnel in the Sky
Unpleasant Profession of J. Hoag, The
Waldo & Magic Inc.
Worlds of Robert Heinlein

• = livros com edição em português

Vídeo

Os lançamentos em vídeo para julho e agosto continuam refletindo uma certa dificuldade das distribuidoras em selecionar títulos interessantes, além de uma diminuição com relação ao número de lançamentos dos dois meses anteriores: 17 contra 28. Na linha dos filmes de terror, tivemos o relançamento de *O Terror*, clássico de Roger Corman, além de *A Mnia*, um clássico de 1932 com Boris Karloff. Mas, na FC, nada de clássicos. A América/Paris começou a distribuir os filmes da antiga Republic, e o jeito é aguardar que eles apresentem algum clássico.

A Globo Vídeo continua distribuindo aqueles seriados imbecis que as crianças tanto gostam: *Space Cop – O Policial Espacial*, e *Sheider – O Detetive do Espaço*. Esses seriados, como todos os demais que chegaram ao Brasil vindos do Japão, são o que se chama de *trash*, e mesmo lá são considerados assim. Já me disseram, naquelas eternas sessões de “volta aos bons tempos” que sempre acontecem, que os seriados atuais não são piores do que *National Kid* da minha infância, mas é duro de aceitar uma coisa dessas (ainda que, provavelmente, seja isso mesmo; criança vê o mundo de maneira diferente). Também para as crianças é *Space Chase* (Vic Vídeo), com história situada em 2097. Tem cientistas do Bem e do Mal, a descoberta de uma fonte de juven-

tude, e um herói do espaço. Pior do que os seriados japoneses não pode ser.

A Top Tape traz um bom filme, ainda que já bastante reprisado pela televisão, *Capricórnio Um*. Um pouco de paranóia, muito de farsa mas, sem dúvida, um bom diretor de FC (Peter Hyams, o mesmo de *Outland* e do injustiçado *2010*). Vale a pena ver ou rever sem os cortes da TV. Também da Top Tape é *O Céu Sob Suspeita*, um filme sob suspeita, com história que envolve o surgimento de OVNI's na Terra, ao mesmo tempo em que uma doença ataca o gado na Escandinávia. Também tem os tradicionais jornalistas correndo atrás da verdade.

Entre os menos importantes está *Caçada Estelar* (Videoban), que foi execrado pela crítica norte-americana. Trata-se de uma produção independente realizada com cerca de 200 mil dólares e muita força de vontade. Quem acompanha a revista *Cinefantastique* pode ver uma bela matéria de duas páginas sobre o filme com o título *Star Quest: Beyond the Rising Moon* (maio, 1990, vol. 20 nº 5). É questão de conferir quando o vídeo chegar nas locadoras. Também tem *O Lado Sombrio da Lua*, (VTI) com história ambientada em 2022, quando astronautas descobrem no lado escuro da Lua, é claro, a antiga nave Discovery. Para dar ação resolveram colocar um ser estranho dentro dela. Coisas do cinema. Menos importante também é o caso de *Rebelião no Século 21* (CIC),

uma produção de Charles Band, chamado de "o atual mestre dos filmes B", mas sem qualquer comparação possível com o Roger Corman dos anos 60. Falta criatividade. A história não muda muito da média dos últimos anos do gênero: o ano é 2030, a Terra sofre os efeitos da destruição da camada de ozônio, existe o lado bom, o lado malvado, etc, etc. A Poletel apresenta *O Demônio do Espaço*, com o eterno George Kennedy e mulheres semi-nuas enfrentando monstros numa floresta. Os monstros são alienígenas.

A Videoban traz *Máquina de Vingança*, que parece situar-se num meio termo, com uma história manjada mas bem conduzida. Uma mulher é estuprada e comete suicídio. Seu irmão, cientista, faz do corpo uma espécie de robocop. E começa a vingança. A LK-Tel traz *O Humanóide e Abismo do Terror*. Do primeiro, não se tem qualquer informação. Existe um filme com esse título, apresentado na TV, mas as distribuidoras de vídeo mudam tanto os títulos que não dá para saber do que se trata. Já *Abismo do Terror* é um daqueles filmes debaixo do mar que invadiram os cinemas tempos atrás. Ao que se sabe, foi o primeiro a ser produzido. Parece que os produtores, espertinhos como sempre, souberam dos gastos com *Leviathan* e, principalmente, *O Segredo do Abismo*, e fizeram um filme rapidinho. O resultado foi um filme para se ver rapidinho também. Ou então para se divertir com os clichês. O título nacional, muito esperto também, aproveita a onda abissal.

A Look Vídeo lança *Anna de Infinito Poder*, na verdade um relançamento de *O Enigma de Anna* (Omni Vídeo). História interessante, desen-

volvida pessimamente, com um final tão idiota que dá vontade de quebrar o vídeo (na ausência do diretor). Refere-se a experiências de clonagem realizadas por nazistas, criando cópias de uma cientista para tentar obter um segredo que ela possuía. Anna é uma garota clone que encontra suas "irmãs" num centro de pesquisas dos homens maus.

Mais ou menos é *Fuga do Século 23*, que no cinema chamou-se *Fuga no Século 23*. O vídeo sempre tem que dar um jeitinho de mudar alguma coisa, por menor que seja a modificação. Pura besteira. O filme deu origem a um seriado chato, com o mesmo nome em inglês, *Logan's Run*. Não durou muito. O filme tem uma boa produção (oscar de efeitos especiais), baseado em história de William F. Nolan e George Clayton Johnson, e direção de Michael Anderson (do recente *Millenium* e do antigo *A Volta ao Mundo em 80 Dias*). Num futuro remoto, as pessoas só podem viver até os 30 anos, mas um policial (Michael York) acaba se colocando contra essa imposição da sociedade. Não chega a ser um clássico, mas vale a pena conferir.

E, no mais, três lançamentos de filmes que estiveram recentemente em cartaz nos cinemas, para quem não viu ou quer rever (caso não seja obrigado a entrar numa "lista de espera" nas locadoras): *Frankenstein, o Monstro das Trevas* (Warner), a volta de Roger Corman à direção, baseado numa história excepcional de Brian Aldiss. *Darkman, Vingança Sem Rosto*, (CIC), que nem todos consideram FC, mas que apresenta um esquema típico dos filmes de FC mais antigos e ainda uma mistura de *O Fantasma da Ópera* e outras cositas mas. E *O Grande Anjo Negro* (Paris), aventura e porrada prá

valer com o fortão Dolph Lundgren (o He-Man do cinema).

E isso é tudo. Não é muito, mas é o que se tem para ver. Uma distribuidora dedicada aos antigos filmes de FC, Terror e Fantasia não seria má idéia mas, nos tempos de cóllera, quero dizer, de crise, o jeito é ir levando.

Uma Palavrinha Sobre a TV

Todos os fãs estavam esperando há meses, ou mesmo anos, a apresentação de *Jornada nas Estrelas* — *A Nova Geração*. E, finalmente, o seriado entra no ar. Melhor ainda, acompanhado de *Jornada nas Estrelas* original. De lambuja, vieram *Buck Rogers* e *Galáctica*, que têm seus admiradores. Ainda que não me agrade, tenho que admitir que as mulheres de *Buck Rogers* são, digamos, ótimas.

Mas o problema concentra-se nos *Jornada*. Quando li no jornal que a estréia tinha sido adiada devido a atrasos nas dublagens de *Jornada nas Estrelas*, não entendi nada. O velho seriado já estava dublado há muito, não tinha porque refazer o trabalho. Mais uma vez pensei nas sessões de conversa tipo “volta aos bons tempos”. Ah, aquele sim era bom, não como esses de agora. Memórias de infância (ou, às vezes, até mesmo mais recentes) costumam ser enganadoras. Isso é um fato! Eu me lembrava do “gigantesco” quintal de minha casa, onde se realizavam verdadeiros campeonatos de futebol. Mas, um simples retorno ao local, anos mais tarde, já crescido e sem fôlego (de fumante) para aguentar os 90 minutos (se bem que tem muito “cobra” e profissional que também não aguenta), me mostraram que o “gigantesco” quintal era, na verdade, bem comum. Com os filmes é a mesma coisa. Uma revisão

recente de *Guerra Entre Planetas* me deixou uma impressão completamente diferente da que tive nos anos 60, quando o vi pela primeira vez. Ainda acho bom, mas as falhas aparecem muito mais.

Por estas e outras, achei melhor esperar a “nova” dublagem antes de falar alguma coisa. A VTI-Networks, responsável pela dublagem, tem, reconhecidamente, um dos mais modernos estúdios do gênero no Brasil, se não me engano em São Cristóvão, no Rio. E eu já conhecia, da época em que trabalhava na Top Tape, a exigência da Rede Manchete (e Globo) por um “padrão” de qualidade nas dublagens de filmes e seriados. Se o padrão fosse considerado insuficiente, todo o trabalho tinha que ser refeito, certamente em outro estúdio. Mas, agora que os seriados estão no ar, é impossível deixar de falar alguma coisa, tamanha é a pobreza do trabalho realizado.

Quando assisti os primeiros episódios fiquei em dúvida. Seria aquela velha imagem da infância me azucrinando? Saudosismo, ou qualquer coisa do gênero? Não creio. Mesmo porque pude perceber que não se trata de uma opinião isolada. A cada dia que passa ouço mais pessoas reclamarem da dublagem. Acho que a palavra certa seria inosso. Vozes sem qualquer sabor, sem força, mal interpretadas, ainda que, provavelmente, gravadas na aparelhagem mais moderna possível.

Tenho escutado esse tipo de reclamação — e isso sem pedir opinião de ninguém, o que significa que a má qualidade está chamando a atenção mesmo — de fãs da FC e de *Jornada*, e de pessoas que nem sequer acompanham de perto os seriados de FC. É

uma coisa tão sem vida que quase, eu disse quase, chega a lembrar os piores momentos das dublagens do SBT. Eu me lembro de assistir ao excepcional *A Hora do Pesadelo* (*A Nightmare on Elm Street*) dublado pelo SBT. Como já tinha assistido no cinema, sabia o que esperar em termos de sons de fundo. E eles chegaram a mudar a música! Acreditem, mudaram a música de fundo. Num determinado momento, um personagem está na sala com sua namorada enquanto outros dois se divertem no quarto de cima. Era para se escutar os gritinhos, de prazer da menina no andar de cima, enquanto lá embaixo eles falavam algo como "mas eles não têm vergonha". Sem os gritinhos, a fala dos outros perdeu o sentido. *Jornada na Manchete* não chega a tanto, mas existem brancos irritantes e incompreensíveis, além de falas tão arrastadas e mal interpretadas que os piores atores mexicanos terão dificuldade em duplicar.

Isso vale para os dois *Jornada*. Quem já assistiu a *Nova Geração* em

vídeo com legendas e som original, sabe do que estou falando. Aquele inglês perfeito e bem pronunciado, as interpretações precisas dos atores, está sendo jogado fora na dublagem em nome de um "padrão de qualidade" incompreensível. Na época em que tive um estúdio de música, às vezes precisávamos fazer gravações simples e rápidas de ensaios e, para poupar tempo e trabalho (e também por não ser exigido, naqueles casos, maior "qualidade"), usávamos uma regulação *flat* para equalizador e mesa de som. É um meio termo que horizontaliza o som. Não se corre o risco de ressaltar demais e indevidamente determinados aspectos, mas também se perde a oportunidade de valorizar o que deve ser ressaltado. O resultado é uma gravação audível, fácil de ser interpretada, porém insossa. Como nos seriados. Esse não é um caso de saudosismo por parte dos que estão reclamando. É, isso sim, um caso de falta de cuidado e atenção, algo em que o Brasil está se tornando craque...

Outras Resenhas

Amorquia — André Carneiro
Col. Zenith nº 4 — Ed. Aleph,

197 páginas

Se existe uma ficção científica brasileira (desejo de muitos, realidade difícil de alcançar), ela passa forçosamente por André Carneiro. Polivalente, Carneiro é cineasta, fotógrafo, artista plástico, jornalista, publicitário e escritor, se não forem computadas também suas atuações no campo da Parapsicologia e sabe-se lá de que outras atividades menos divulgadas.

Poeta sensível, talvez seja essa a atividade literária mais conhecida no Brasil. No exterior, é considerado um dos "grandes" da ficção científica, ten-

do sido editado em vários países e traduzido em inúmeros idiomas.

Nada mais justo, portanto, que seja ele o primeiro autor nacional a ser publicado pela editora Aleph, que já lançou autores de grande prestígio como Orson Scott Card e Bruce Sterling.

Amorquia, seu último romance, retoma a temática abordada no conto *Diário da Nave Perdida* e no romance *Piscina Livre*: o sexo, o amor e as relações pessoais definindo uma sociedade no futuro, onde esses conceitos determinam todo um modo de ser e de agir. O futuro que André Carneiro vislumbra é asséptico, centrado nas facilidades de uma sociedade meca-

Somnium 48

A Biblioteca — Álvaro S. H. Ferreira

A história enviada ao Somnium pelo nosso sócio português avesso a corresponder cartas tem uma narrativa com um clima e um desenrolar que misturam os da famosa biblioteca de Borges com os do planeta Marte, cheio de autores esquecidos; do conto *Os Exilados*, de Ray Bradbury. O conto, embora recheado de referências literárias desconhecidas para mim e, acredito, para a grande maioria dos leitores do Somnium, tem uma fluência que prende o leitor. Não se pode, entretanto, principalmente em se tratando de uma peça de FC&F, fugir de uma observação que salta aos olhos: ao lermos o conto, temos a nítida impressão de estarmos lendo algo tirado das páginas da Coleção Argonauta. Efeitos de 500 anos e cerca de 10.000 quilômetros de oceano.

O Sr. Info e Dona N. Info — Ivan Carlos Regina

Mais uma vez o Ivan nos oferece um conto alegórico, desta feita calçado nas experiências traumáticas de sua viagem ao Japão. Quem sabe o que aconteceu entende a história, quem não sabe deve ficar meio perdido no meio da narrativa cheia de simbolismos, muito característica nas obras do Ivan. Não sei qual a opinião dos leitores do Somnium, mas eu gostaria de ver o Ivan criar algo novo com relação à sua forma de narrativa, pro-

curando não lançar mão dos mesmos "experimentalismos" de texto que, no meu entender, estão ficando um pouco repetitivos em suas histórias.

Terapia Relâmpago — Fábio Fernandes

O conto narra basicamente uma estranha sessão de psicoterapia de uma paciente com um problema neurológico *sui generis* que não chega a ficar muito bem explicado ao final da história. O ritmo inicial da narrativa é frenético em virtude do uso de apenas um diálogo, sem nenhuma descrição do local ou dos participantes do mesmo. Entretanto, em algumas partes deste diálogo o Fábio se enrolou (ou me enrolou) um pouco e o leitor fica um tanto perdido. A explicação final também me pareceu forçada e, até certo ponto, mal colocada. Creio que ficaria melhor se fosse depreendida da situação inicial do personagem, durante o diálogo, e o leitor ficasse apenas com o resultado final da terapia, tirando ele mesmo as suas conclusões.

Quadros Pretéritos de uma Vida — Cesar R. T. Silva

O conto do Cesar lança mão do recurso do personagem que revive momento de sua vida na hora em que vai morrer. No caso, o jovem piloto de uma caça espacial de uma colônia em guerra com uma corporação terrestre. Até aí, tudo bem. Mas eu acho que o Cesar cometeu um erro ao se estender em longas descrições sobre a história e a vida na Terra e em suas colônias espaciais, desviando-se muito das re-

cordações do personagem, o que seria mais natural. Afinal, a base do conto deveria ser tais recordações, segundo se deduz da proposta inicial do conto, e não exercícios de narrativa histórica por parte do autor. Teria ficado melhor se estas informações viessem embutidas nos fios de memória do piloto e na descrição de sua trajetória de vida e não como ocorre no último parágrafo da página 85 e que se estende até a segunda coluna da página 86, e também desde a segunda coluna da página 89 até o final da 90. Também não ficou muito consistente o fato de uma colônia com cerca de 10 ou 15 anos de existência, localizada num satélite insalubre e distante, ter resistido por vários anos ao assédio das forças de uma corporação que controla todo o Sistema Solar. O diálogo entre as crianças, enquanto elas brincam junto ao oceano de Titã, sofre do mesmo defeito de um conto do Carqueija já analisado por mim em outro número do *Somnium*: são muito "certinhos" e empolados. Se hoje em dia já é difícil encontrar um garoto que use a expressão "qual nada", imagine daqui 100 ou 200 anos.

De Como Jonas B. Voltou às Origens — Nilza Amaral

Nilza cria uma história muito calçada em *Metamorfose*, de Franz Kafka, como ressalta o editor em sua apresentação da autora. A narrativa é bem feita mas eu considero que, talvez pelo tamanho reduzido do conto, perdeu muito em dramaticidade. O personagem encara a sua transformação de um modo muito tranqüilo no início, o que seria, no mínimo, artificial. Falta uma caracterização mais bem conduzida de suas angústias, o que seria, até certo ponto, fácil em se tratando de uma narrativa na primeira pessoa. No

final do conto, encontramos ainda um erro científico quando o personagem, já transformado, nada em "líquido amniótico esperando uma fêmea superdotada aparecer". Levando-se em consideração que o líquido amniótico fica no interior do âmnio, membrana que envolve o óvulo já fecundado, o nosso amigo "espermatozóidico" vai ter que esperar sentado.

Jana — Jorge Luis Calife

O Calife envereda pelo velho tema tão explorado pela FC: o "frankensteinianismo". Também acaba usando outro tema que eu noto ser comuníssimo nas histórias de FC dos autores nacionais que é o relacionamento sexual e afetivo entre um homem e uma andróide (ou robô, ou clone, ou algo equivalente) como substituto de uma relação fracassada homem/mulher. A narrativa, como em todos os trabalhos do Calife, é escrita com correção mas, neste caso, sobram exemplos de colocações ultrapassadas e forçadas como o "beijo roubado" (pag. 102) e "a decepção ameaçando de novo bater na porta pra dizer alô" (mesma página).

O final, com a clone rejeitando o personagem e este se matando, é muito óbvio, não contribuindo em nada para melhorar a história. Inclusive, os dois últimos parágrafos acabaram sendo, provavelmente de forma inconsciente, cópias quase exatas de finais de histórias clássicas de FC. O penúltimo, no final do conto *Caleidoscópio*, do livro *O Homem Ilustrado*, de Ray Bradbury. O último, de uma das falas da belíssima cena da morte do personagem de Rutger Hauer, no filme *Blade Runner*, em que ele diz que suas lembranças ficariam perdidas para sempre como "lágrimas na chuva".

• • •

Ivo L. Heinz

- A Paramount Pictures está lançando junto com o correio americano um selo comemorativo dos 25 anos de *Star Trek*. Este selo também é parte de um esforço dos correios para prestigiar a exploração espacial.

- O quarto ano da *Nova Geração* terminou com 102 episódios apresentados desde o início da série. Ainda não vi o de nº 102, mas soube que foi no mesmo estilo do último episódio do 3º ano: exibido em 2 partes, a segunda figurando como 1º episódio do 4º ano.

Boatos dizem que o enfoque são os romulanos, e **pode ser** que tenhamos de volta — via universo paralelo/mudança de história por viagem temporal — a tenente Tasha Yar. Quem viu o episódio *Yesterday's Enterprise* ficará curioso.

- Patrick Stewart (cap. Picard) dirigirá um episódio do 5º ano.

- Terminaram as filmagens do sexto filme, lançamento previsto para o natal (os EUA...). Mas os fãs continuam céticos.

Enquanto isso, no Brasil

- Luiz Ambrósio reativando, com calma, a Frota Estelar Brasileira. Brevemente deverá ser relançado o *Diário de Bordo*, agora com 16 páginas e em formato semelhante ao da revista *Veja*.

- O zine ...ENPE comemorará seu primeiro ano em novembro com uma edição especial sobre a *Nova Geração*. Os seus editores aproveitam para pedir desculpas pelo atraso. Prometem que este será sanado até a festa de aniversário.

- Sílvio Alexandre, da Editora Aleph, jura de pés juntos que a coleção *Star Trek* decola até fim de agosto. Tomara que quando você estiver lendo estas linhas um exemplar de *Portal do Tempo* já esteja em sua estante.

Ocorreu que a Aleph encomendou à DINAP uma pesquisa de mercado sobre o lançamento em banca, o formato etc. .

Bom, para a série ter viabilidade econômica teriam que ser vendidos cerca de 15 mil volumes por edição. No contrato de distribuição os prazos de entrega teriam que ser seguidos à risca sob pena de multa. Para uma editora pequena e sem gráfica própria, é um risco a considerar.





Alberto Corbelli







André Corneau

Acompanhei, com o Sílvio e Luiz Ambrósio, a análise de relação custo/benefício e o que foi decidido é a edição normal, com venda em livrarias, embora o preço deva ficar abaixo do que pagamos por um livro da coleção Zenith, por exemplo. O desagradável nessa estória toda é que os livros deverão sair a cada 3 ou 4 meses.

● Finalmente a Abril Jovem — ou seja, Sérgio Figueiredo — vai lançar o gibi *Jornada nas Estrelas*. Ele terá, em média, duas estórias: uma da série clássica e outra da NG. O “Figa” batalhou muito para este projeto dar certo.

● Rede Manchete: a sessão espacial emplacou; antes de seu lançamento a audiência média oscilava entre 0 e 1 ponto naquele horário. Agora: série clássica: 5 pontos; Galáctica, Buck Rogers e Nova Geração: 2 pontos.

“Cris” Nastasi, a grã-mestra trekiniana dos que vivem sob as bênçãos do Cristo Redentor informa que os dubladores estão se esforçando para realmente “interpretar” no momento de falar.

Particularmente até que gostei. Lógico, no começo era meio estranho o Kirk com a voz do McGiver/He-Man. Aliás, o dublador do comandante da Enterprise, Garcia Júnior, é filho do primeiro do Spock, Garcia Neto.

O dublador do Worf é meu amigo Guilherme Briggs, desenhista e trekker fanático. O próprio ator Micheal Dorn-Worf é um fã incondicional, do tipo pagaria para trabalhar na série.

Muito bom está o Waldir Sant’Anna, diretor de dublagem da NG e “dono” da voz do Scott e também do Q (ótimo, consegue transmitir o tom sempre irônico da voz original).

As cópias são novas, com as tradicionais cores fortes, e os episódios da série clássica estão sendo exibidos na ordem correta, embora o mesmo não aconteça com os da NG. — ô, Cris, manda o pessoal da VTI abrir o olho...

O único senão que percebo é a dublagem da conselheira Deanna Troi, feita pela Claudia Costa. Parece aqueles seminários de escola que a gente ia na frente da classe com tudo decorado, falando de uma vez e em tom monótono.

● **Atenção:** a Manchete só pagou os dois primeiros anos (falta o terceiro) da série clássica e o segundo da NG. Mas tudo leva a crer que teremos um final feliz.



Ao leitor assíduo desta coluna: faça como eu e perdoe o editor deste fanzine pelo erro de numerais romanos no *Somnium* passado: é VI e não IV; ele devia estar distraído... mas da próxima vez que isso acontecer eu “warpo” pra São Carlos e te “defaso”, ouviu, editor? (e não banque o engraçadinho dizendo que já está com os escudos ligados).

Ouvi sim, Ivo. Lembrando sempre do tratado de Orgânia, já aviso que sou pela diretiz de paz total e não-agressão. Caso você venha sequer ligarei as telas defletoras...

Em Tránsito, pela FC

Pablo Villarrubia Mausó

O fanzine espanhol *Tránsito* é hoje o mais importante daquele país e em torno dele se reúnem dezenas de aficionados. Durante minha estadia em Barcelona em outubro de 1990, conheci Joan Manel Ortiz e Joan Carlos Planells, crítico e escritor de FC, convencendo-me que a FC pode se transformar num excepcional veículo cultural e de amizade entre os povos. Informatização, boom literário, convenções de FC, dificuldades comuns e projeções para o futuro foi o que eles me deixaram entrever nesse país irmão. Mas chega de papo e vamos para a entrevista que gravei na casa de Joan Manel, em meio à sua vasta coleção de livros de FC.

Como surgiu o Tránsito?

Há oito anos, juntamente com outros amigos, criei o *Tránsito* com o intuito de se ter um espaço semi-profissional para a divulgação da FC. Naquela época existiam oito fanzines e a revista *Nueva Dimensión*, considerada uma das melhores do mundo. Hoje continuamos com o trabalho editando um número da revista por ano e vários boletins informativos.

Vocês já conheciam o CLFC?

Sim, através do aficionado português Alvaro de Souza Ferreira, da cidade do Porto, muito amigo meu, que me facilitou vários endereços do Brasil, entre eles de André Carneiro, Roberto Nascimento e do CLFC. Todos me responderam; posteriormente, por um motivo ou outro fomos perdendo contato, sempre por parte dos brasileiros (risos). Nós continuamos mandando tudo que publicamos por aqui e já faz quase um ano que não recebemos o *Somnium*, que para nós é de fácil leitura devido à semelhança do português com o espanhol e mesmo com o catalão que falamos aqui na Catalunha.

Qual é o perfil do aficionado espanhol?

De uma forma geral é acomodado. São muito poucos aqueles que realmente colaboram mandando um conto, um artigo, uma crítica. Todos nós temos nosso trabalho e preocupações, mas também devemos dedicar um tempinho de sobra para aumentar a divulgação da FC.

Qual é o precursor da FC espanhola?

É Domingo Santos, aliás, o editor do André Carneiro aqui na Espa-

nha. Escreveu muitos livros nos anos sessenta, trabalhou na revista *Antecipación* que só teve sete números e a partir de 1968 começou a editar junto com Sebastián Martínez e Luis Vigil a legendaria *Nueva Dimensión* até sua extinção em 1984. Agora ele é um editor muito conhecido e verdadeiramente o primeiro escritor profissional de FC da Espanha, mas não um aficionado. Ele diz que não lhe interessam os fanzines...

Quais são outros nomes da FC espanhola?

Do antigo grupo temos o Juan Atienza que publicou grande parte de sua obra na *Nueva Dimensión* mas que agora está afastado do gênero, escrevendo sobre ufologia e temas esotéricos. Ele sabe trabalhar melhor com idéias inovadoras do que propriamente fazer um bom argumento. De qualquer forma é uma figura histórica para nossa FC. Da nova geração posso citar quatro autores muito bons como Rafael Martín Trechera, Elia Barceló, Gabriel Bermudez e Juan Carlos Plannells. O primeiro é um bom autor de sagas espaciais, Juan Carlos vai lançar seu primeiro livro em fevereiro de 1991 que trata sobre universos paralelos e sobre a cidade de Barcelona. Ele se destacou muito pelas suas críticas na revista *Nueva Dimensión*. A *Ediciones B* lançou recentemente uma antologia de Elia Barceló chamada *Sagrado*, ela que se destaca pela linguagem poética.

Esses autores vendem bem?

Até pouco tempo atrás os editores espanhóis achavam que um cara que se chama Juan Perez, por exemplo, não pode vender tanto como alguém que tenha o nome de John Norton, mas felizmente isso parece estar mudando um pouco.

Vocês promovem e participam de encontros de FC?

Na Europa existe o *Eurocon*, um dos maiores eventos, e na Espanha, a *Transcon*, que é bianual. Em 1990 participamos do *Worldcome* que se celebrou na Holanda, em Haya. Aliás essa foi minha prova de fogo a nível de convenções internacionais. Uma caravana de 20 aficionados espanhóis foi até lá e logicamente não se decepcionaram. Conhecemos Frederick Pohl, Hal Clement, Algis Budrys, George Martin, Poul Anderson e Bob Shaw, entre tantos. Assistimos à entrega do prêmio Hugo, conversamos com os simpáticos Harry Harrison e Anne McCaffrey, e elegemos Norman Spinrad como o cara mais chato. Muitos deles levaram para casa debaixo do braço o nosso fanzine. Foi algo muito compensador, pois os *deuses* desceram do Panteon e estavam lá, junto conosco, batendo papo e nos dando atenção.

Vocês têm uma espécie de correio informático de FC, como é isso?

Existe um fã e muito amigo nosso, o Ricardo de la Casa, que mora em Andorra, no meio dos Pirineus, que agita muito os encontros de FC, e se comunica com todo mundo. Um dia ele e mais um argentino que mora há 15 anos na Espanha, o Bucky Torres, resolveram instalar um BBS (*Book Boss Service*), um diário informático, ou como nós o chamamos, "livro de arena", ao qual se tem acesso por uma linha telefônica. Assim, qualquer pessoa que tenha um computador em casa pode, através de assinatura anual, se conectar ao livro de arena da FC, uma verdadeira biblioteca de FC orientada por Ricardo, com bibliografias de escritores, estatísticas, contos, noticiários, votações. Além do mais, os

assinantes podem deixar suas mensagens gravadas e assim se correspondem com outros aficionados. Pode-se publicar e juntar informações a qualquer uma das seções do livro de arena. Atualmente já se estão recebendo 15 mil chamadas anuais e o número vai crescer muito nos próximos anos, quando se espera que metade da população espanhola possua um computador em casa.

Qual é o futuro do Tránsito?

No futuro em breve ele não vai existir. Ele vai ser apenas um aglomerado de bits reunidos em disquetes. Esse é o fanzine informático que os argentinos já começaram a fazer. Eduardo Carletti, um conhecido editor de fanzines na Argentina resolveu enfrentar a crise de seu país fazendo um fanzine que não gasta papel, impressão e economiza tempo em vários trâmites. Basta o assinante mandar um disquete e ele faz uma cópia do fanzine que tem desenhos e é colorido. Esse sistema, além de econômico, é muito mais ágil a nível de infor-

mação. Vou dar um exemplo. Se hoje morre um autor de FC vou demorar algum tempo para poder publicar isso e distribuir o fanzine aos sócios. Mas se tenho um livro de arena ou um fanzine informático, coloco tudo isso no computador e os sócios terão acesso à informação tão breve eles se conectem ou eu envie uma cópia do disquete.

Qual é a sua mensagem aos aficionados brasileiros?

Estamos muito curiosos para saber algo mais sobre vocês e até mesmo publicar alguma coisa em nosso fanzine. Já publicamos um conto do André Carneiro, *Transplante de cérebro*, e queremos conhecer outros autores. Quem quiser assinar nosso fanzine basta escrever para Calle Ramón y Cajal, 1º, 2º, 08012, Barcelona, Espanha. Não se assustem se demorar um pouco para responder, mas eu sozinho e meu sub-editor, o Miguel Más, nos correspondemos com mais de cem aficionados.



OK, SE PREPARE.
NÓS IREMOS AGORA
ONDE NENHUM HOMEM
JAMAIS ESTEVE!



Elevação de Animais à Racionalidade

Gerson Lodi Ribeiro

Um dos temas de grande recorrência na FC "before the Golden Age" foi o processo de criação deliberada de animais inteligentes¹ pela humanidade a partir de antepassados irracionais. Adotando um vocábulo "davidbriniano", designaremos este processo por "elevação"

H. G. Wells foi um precursor nesta temática, como em muitas outras. Em *A Ilha do Doutor Moreau* (1896) um médico recluso faz modificações cirúrgicas em animais, elevando-os a uma condição semi-humana. O enredo foi requeitado oito décadas mais tarde por Brian Aldiss em *A Outra Ilha do Dr. Moreau* (1980) com um impacto bem menor². A argumentação científica de Aldiss é mais sólida que a de Wells; também poderia! Oitenta e quatro anos constituem tempo considerável. Caso se faça o devido desconto, a obra de Aldiss perderá até neste ponto.

Já em *A Guerra das Salamandras*, Capek propõe uma espécie racional de salamandras marinhas gigantes, *Andrias scheuchzeri*, descoberta numa pequena ilha do Pacífico Sul. Essas salamandras são disseminadas pelo mundo dito civili-

zado — graças à ganância de uma grande corporação comercial — inicialmente como mão-de-obra escrava, mais tarde como equipes militares especializadas em tecnologia marinha e guerra submarina. O resultado é, como se poderia prever, catastrófico para a humanidade.

Na maioria dos enredos, contudo, espécies irracionais já conhecidas são elevadas à sapiência através da intervenção humana. Isto é mostrado tanto no romance *Batalha da Eternidade* quanto na série de contos que constituem *City*.

No primeiro caso, a própria humanidade é elevada por alienígenas com intenções dúbias a partir de seu estado evolutivo presente até um estágio caracterizado pelo atrofismo físico-muscular e pela ampliação da capacidade intelectual e dos poderes mentais. Esta nova humanidade por sua vez, eleva centenas de espécies de mamíferos. Todas essas novas estirpes de mamíferos racionais possuem postura bípede, porte tipicamente humanoide e inteligência equivalente a dos humanos pré-manipulação.

Como no caso anterior, na série *City* ocorre um processo de elevação

mista. Um pequeno grupo de humanos eleva os Cães à racionalidade, concedendo-lhes o dom da fala articulada, mas não a postura ereta ou membros de manipulação. Algum tempo depois, a humanidade abandona a superfície da Terra, deixando a nova espécie racional entregue a si mesma, contando somente com a orientação de um robô, Jenkins. Aos poucos, outros robôs se unem ao primeiro no auxílio dos cães, executando o papel de braços e mãos que faltavam àqueles. Assim, os Cães criam sua própria civilização e começam a elevar outras espécies irracionais terrícolas, educando-os com os conceitos e valores da lealdade e respeito à vida típicos da Civilização Canina. O processo de elevação em si não é detalhado explicitamente, mas apenas indicado de um modo bastante lírico, caracteristicamente simakiano.

Edmond Hamilton apresenta em *O Vale da Criação* lobos, águias, cavalos, tigres e humanos como habitantes de uma região remota. Inicialmente irracionais, estas cinco espécies homeotérmicas são providas de intelecto através de influência alienígena. Das espécies citadas, apenas a humana teria ousado transpor os limites do Vale para colonizar o mundo exterior.

Os exemplos acima referem-se a intervenções irracionais. Mas, este não é o único caminho para a elevação. Nos filmes da série *O Planeta dos Macacos*³, os humanos involuntariamente elevam seus sucessores, nas figuras de chimpanzés, gorilas e orangotangos — que mais tarde seriam seus mestres. Na visão hollywoodiana popular, os gorilas racionais, militaristas de ânimo belicoso, deliciar-se-iam em caçadas brutais aos humanos selvagens. Outro exemplo de

discípulo superando/educando o antigo mestre humano é encontrado em *A Boy and his Dog*, impressionante novela de Harlan Ellison, na qual um cão racional telepata (criado nos laboratórios do então extinto US Army) é tutor de um adolescente agressivo numa Terra pós-holocausto. O filme, de mesmo título, vale à pena ser assistido (já existe cópia em vídeo, tendo sido exibida em sessão do Grupo de Vídeo do CLFC-Rio). Segundo os críticos, trata-se de um dos poucos casos em que a película superou a obra literária. Depois de assistir *A Boy and his Dog*, o fã de FC costuma se perguntar se o título *A Dog and its Boy* não seria mais apropriado.

Resta falar sobre aquele que cunhou a expressão “elevação” no sentido aqui empregado. Ninguém tratou o tema tão bem, tanto em termos científicos como de enredo, quanto David Brin em sua excepcional saga passado no universo dos Progenitores, dividida em *Sundiver*, *Startide Rising* e *Uplift War*. No primeiro os protagonistas são os próprios humanos. Na segunda e terceira obras, os personagens principais são, respectivamente, cidadãos terrágenos das espécies *Tursiops amicus* (neogolfinhos) e *Pan argonostes* (neochimpanzés). O *background* é uma Via Láctea repelta de espécies racionais elevadas por outras espécies mais antigas, sucessivamente, até os lendários Progenitores. Neste cenário, os humanos são considerados párias por não se terem atrevido não só a elevarem a si próprios sem o auxílio de uma espécie patrona como — pior ainda — elevarem outras espécies, golfinhos e chimpanzés, obrigando a comunidade galáctica a lhes conceder o status de espécie patrona. Em *Uplift War* há ainda a elevação dos gorilas, iniciada por humanos e neochimpan-

zés e tomada a carga pelos Thennanin, alienígenas anteriormente hostis à humanidade e à sua prole.

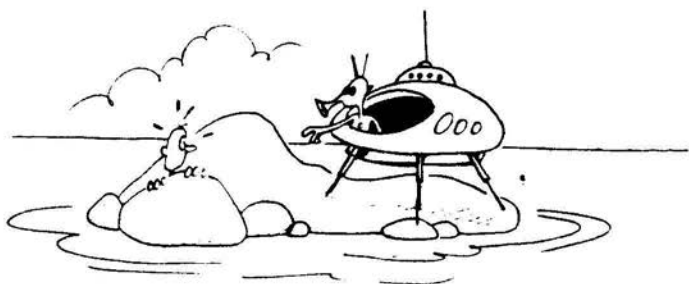
Notas:

1) Daqui por diante, referiremo-nos a animais inteligentes ou racionais para designar não os seres humanos, mas sim os frutos da mani-

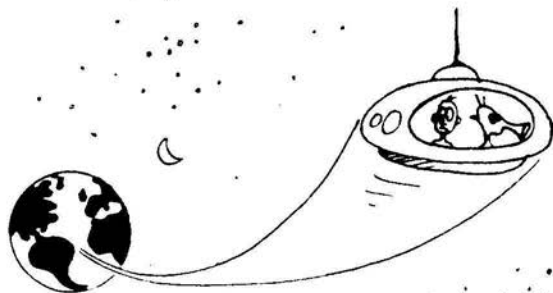
pulação artificial, tornados racionais e autoconscientes por aplicação de engenharia genética.

2) Esta parece ser uma estranha compulsão do autor, aliás. Lembrem-se de *Frankenstein Unbound* (1973)?

3) Mas não na obra homônima (1963), de Pierre Boulle, na qual a série se baseou.



Montelli



Bibliofilia

José Manuel Morais

Grande Livro, Grande Mal

Calímaco de Cirene — Fragmento 359

Desde o início que considerei os meus anos de universidade como uma espécie de pena suspensa. Durante cinco anos viveria protegido num mundo de livros, aulas e horários, mas depois de terminado o curso, e ele terminaria fatalmente, teria de me aventurar nas trevas exteriores e competir na luta pela vida.

O problema estava em que eu não sabia o que fazer fora dos muros da faculdade. Na realidade a única coisa que tinha feito durante toda a vida fora estudar, e anos seguidos de escola não me tinham preparado para outra coisa. Dentro de mim havia uma irresistível vocação para estudante vitalício, e, ao contrário dos meus colegas, temia os exames não pela provação que representavam, mas porque cada um deles me aproximava da data fatal.

Acabou por ser durante a aula que descobri uma carreira compatível com os meus gostos. O professor tentava ilustrar com uma citação de Santo Agostinho as origens do mito da primazia de Roma sobre as outras igrejas da cristandade, mas não lhe ocorria a passagem. Em vez de prosseguir, esperando lembrar-se antes que a aula acabasse, teimava em forçar a memória, o que é sempre má política, e os

primeiros risos começavam a ouvir-se no anfiteatro. Embaraçado com aquele deslize de um mestre que estimava ergui o braço e, ao olhar interrogativo do professor, respondi com a elusiva frase do santo:

— “Roma locuta, causa finita”

— e perante a surpresa geral traduzi:
— *Roma falou, a causa acabou.*
Sermões, Livro 1.

O professor agradeceu e continuou a exposição. Divulgado, comentado e inevitavelmente exagerado o incidente circulou pela faculdade e valeu-me ser olhado com respeito por professores e colegas. Alguns destes, que eu mal conhecia de vista, começaram a convidar-me para sessões de estudo em comum, consultavam-me sobre partes difíceis da matéria ou solicitavam indicações bibliográficas para trabalhos que tinham entre mãos. Insensivelmente o meu vasto, e até aí inútil, conhecimentos de miudezas históricas e literárias valeu-me a reputação de autoridade em vários ramos do saber antigo e moderno. Com tudo isto o ano aproximava-se do fim. Uma tarde recebi no quarto a visita de um colega finalista pertencente ao círculo dos alunos abastados, que eu não frequentava por razões óbvias. Ofereceu-me o equivalente a seis meses

da minha bolsa de estudo para que lhe fizesse a tese de fim de curso, que ele não tinha tempo nem paciência para escrever. Aceitei e a minha vida mudou.

Nos anos seguintes a minha nova e subterrânea atividade estendeu-se a uma clientela sempre crescente, e tornei-me no maior fornecedor de bibliografias, teses e ensaios de toda a academia. Trabalhei muito, mas quando terminei o curso tinha acumulado um sólido pecúlio que me permitiu evitar o recurso ao ensino como meio de sobrevivência. Abri uma pequena livraria numa rua discreta e alarguei o âmbito dos meus negócios, estendendo-o a tudo o que dissesse respeito a livros e outro material impresso, ou a imprimir.

Ostensivamente o meu ramo é a compra e venda de livros usados, mas prefiro considerar-me uma espécie de detetive literário. Se a minha loja tivesse uma divisa, ela que nem nome tem, mereceria a que para si reivindicavam os seguidores do velho Nicholas Flamell: "Nós tornamos as coisas possíveis". Quem procura um livro raro, tão raro que só existe numa qualquer biblioteca, nacional ou municipal, é a mim que recorre; o pai desesperado que procura salvar o ano do filho é à minha porta que bate; o escritor em ascensão que pretende eliminar um pecado literário da juventude é a mim que pede, e paga, para fazer desaparecer esses vestígios do seu talento imaturo. A estes clientes recebo-os por marcação — os anos ensinaram-me a ser prudente — no escritório que fica nas traseiras da loja onde a empregada atende o público.

Naquele dia tinha uma entrevista marcada. Chegou pontualmente, sacudindo do cabelo a chuva que lhe

aderira em pequenas gotas. Era jovem, pouco além dos trinta, e vestia como os executivos das grandes empresas. Entregou-me um cartão e preveniu:

— O nome nesse cartão é falso, e o número do telefone não vem na lista. A pessoa que me envia não deseja publicidade.

— A discrição faz parte dos negócios que presto — respondi-lhe. Acho isso desnecessário, deselegante mesmo, e não estou acostumado a que duvidem de mim.

Devolvi-lhe o cartão, mas ele fez um gesto de recusa.

— Compreendo a sua posição, e peço-lhe que compreenda a minha. Apenas cumpro ordens, e se as ordens que recebo nem sempre são razoáveis, devem sempre ser cumpridas. Sou secretário particular de um homem muito rico e muito velho, um homem que tem um medo de morrer directamente proporcional à sua idade e fortuna, ambas continuamente crescentes. Nos anos que já passei ao seu serviço tenho visto evoluir esse terror, e uma das minhas tarefas principais é investigar a eficácia dos vários métodos de rejuvenescimento e a credibilidade dos seus cultores. À medida que envelhecia, o meu patrão, chamemos-lhe assim, passou dos gerontologistas para os homeopatas, naturistas, ervanários curandeiros e charlatões de todas as espécies, sem que nada resultasse eficaz e permanente. Temo até que alguns dos tratamentos lhe tenham acelerado o processo de senescência, porque ultimamente abandonou os meios mais ou menos científicos de retardar o envelhecimento e procura seguir o exemplo de Fausto.

Interrompi-o:

— E que tenho eu a ver com isso? A menos que queira adquirir uma edição original de Goethe ou qualquer grimório que lhe indique a morada de Mefistófeles, não o posso ajudar.

— Pode crer que já tentamos tudo isso. Aleister Crowley foi uma decepção. Eliphas Levi provou ser uma fraude, e mesmo o Grande Alberto não resultou. Repare que o meu patrão é um homem de negócios que conhece as regras do jogo, e está disposto a trocar uma alma, de que não sente a falta, por um corpo jovem por que anseia. Infelizmente até agora não encontramos ninguém disposto a aceitar o negócio. Seguimos à risca as instruções das mais reputadas autoridades, e tudo o que conseguimos foi encher a casa de cheiros nauseabundos e inutilizar algumas virgens. — riu baixinho, como lembrando algo divertido —. Agora você é a nossa única esperança.

— Eu? — quase gritei.

— Sim. Ao meu patrão chegaram rumores da existência de um livro que a infâmia tornou raro, através do qual espera travar conhecimento como o outro lado. É esse livro que queremos que encontre.

Entregou-me um papel e um cheque.

— Essa ficha contém todos os dados sobre a obra em causa, de que se conhecem três exemplares sobreviventes das quatro edições feitas. O cheque, que terá a bondade de preencher no que respeita à quantia, servirá para cobrir as despesas de busca e obtenção do livro. Outro cheque será passado para satisfação de honorários quando o volume nos chegar às mãos. Aceita?

Todos temos um ponto fraco, e o meu foi particularmente sensível àquele espaço em branco no cheque. Aceitei. Quando o visitante saiu examinei os papéis que deixara em cima da secretária. Primeiro o cheque, em que uma certa área prometia muitos zeros à esquerda do cifrão. A assinatura era de uma linha serpenteante, sublinhada com dois traços pouco vigorosos.

A ficha, um quadrado de cartolina escrito à máquina, era igualmente interessante se bem que noutro sentido. Dizia o seguinte:

BL

A 47

B

Alhazred, Abdul — circa 738 DC

Necronomicon (Al Azif) de Abdul Alhazred. Tradução a partir do grego por Olaus Wormius (Olav Worm). XIII, 276 pags.

(Toledo), 1647

Para começar o inquérito era suficiente. Cancelei todos os compromissos e dediquei-me exclusivamente à tarefa de localizar e obter aquele livro de duvidosa reputação. Três semanas depois convoquei o representante do meu cliente.

Também nessa noite chovia. Ele entrou e pousou a gabardina molhada nas costas de uma cadeira. Recusou a bebida que lhe ofereci e foi direto ao assunto:

— Encontrou o livro?

— Não.

Uma sombra passou-lhe pela face:

— Lamento dizer que não correspondeu às expectativas que em si depositamos. Quem nos indicou o seu nome garantiu que era a pessoa in-

dicada para esta missão, e que se o livro existisse só você o conseguiria obter.

— É esse o caso — disse eu abrindo o dossiê onde colecionara todos os dados relativos ao assunto. — O livro não existe e é mesmo um dos livros não existentes mais procurados do mundo.

— Não percebo.

— Vai perceber. O *Necronomicon*, e tudo o que lhe diz respeito, foi inventado, melhor dizendo, construído, por um americano chamado Howard Philips Lovecraft, que se dedicava a escrever histórias doentias em que um grupo de seres demôníacos disfarçados de deuses se esforçam por, literalmente, devorar a humanidade. O livro do árabe seria uma espécie de evangelho do mal, onde se relatam as suas genealogias, batalhas, derrota e exílio. Em cada história, que representa sempre uma tentativa desses deuses de voltar à glória perdida, Lovecraft acrescenta um pormenor, um nome, uma atrocidade, até conseguir a verossimilhança que iludiu o seu patrão.

— E como justifica a existência da ficha, retirada de uma biblioteca cujo nome não lhe direi?

— A ficha é uma brincadeira, uma das muitas que se fizeram à volta da mitologia de Lovecraft, que também falsificou a geografia da Nova Inglaterra e intentou toda uma biblioteca maldita. Como poderá ver, se consultar os materiais que juntei, o *Necronomicon* não é peça única.

Passei-lhe o dossiê que ele longamente folheou, guardando-o depois numa pasta que tinha trazido presumivelmente para transportar o livro.

— Quanto às despesas... — ia eu a dizer, mas ele interrompeu-me.

— Guarde o cheque, pode ainda fazer-lhe falta.

Recostou-se na cadeira e refletiu por instantes. Depois, como se tivesse tomado uma súbita resolução, endireitou-se e olhou-me de frente.

— Portanto o *Necronomicon* nunca existiu. Não lhe escondo o desapontamento que o meu patrão vai sofrer. Tão grande que não sei se resistirá. Era a última esperança do velho. Mas se o livro nunca foi escrito, nada impede que o venha ainda a ser, não é verdade?

— Como assim? — perguntei.

— Vou confiar-lhe uma nova missão. Encomendo-lhe a redação do *Necronomicon* de acordo com a ficha que lhe entreguei. Não posso permitir que os últimos dias do velho sejam passados no terror da morte iminente. Concedamos-lhe ao menos a ilusória esperança de poder comprar a juventude. Além disso, segundo me confiaram os herdeiros, junto de quem respondo, é preciso manter a cabeça do velhote ocupada com qualquer coisa, dado que se ele lesse melhor alguns dos papéis que assina as conseqüências seriam desagradáveis para essas pessoas. É preciso mantê-lo interessado nas coisas do outro mundo enquanto neste certas transações se ultimam. Claro que o preço será aquele que o senhor disser. Afinal não há grande diferença entre descobrir um livro e fabricá-lo.

Pensei no desafio que me era lançado. Dar corpo ao *Necronomicon*, fazer com que existisse o que nunca existira, era o maior repto que já me fora lançado.

— O preço será elevado.

— O seu preço será o nosso.

Conduzi-o até a porta. Aí, enquanto ele vestia a gabardina, fiz uma última pergunta:

— Só não compreendo o que tem você a ganhar com isto.

Ele sorriu.

— A satisfação do dever cumprido. Além disso há mais cheques no sítio de onde veio esse que lhe entreguei. O velhote é fácil de convencer para quem conhece os seus caprichos, e há uma conta bancária que nem os herdeiros conhecem.

Fiz um bom trabalho, talvez bom demais. Recolhi todos os pretensos extratos do *Necronomicon* dispersos pelas obras de Lovecraft, Derleth, Ashton-Smith e mais uns quantos. Depois preenchi os espaços em branco. Tal como me era pedido, inventei uma série de rituais em que se invocavam abominações de nomes impronunciáveis como Yog-Sothoth, Cthulhu, Tsathoggua, e, sobretudo, Nyarlathotep, o grande deus sem rosto, mensageiro e protetor dos outros deuses. A colaboração de Frazer, Del Rio e Eliade foi muito importante se bem que involuntária. Fui particularmente feliz na fórmula de invocação a Nyarlathotep, obrigatoriamente feita durante a ocultação da lua, pois esse deus abomina a luz, a qual não ousa reproduzir aqui, tal como não reproduz a lista e o número das oferendas a fazer à entidade que é a Porta, o Guardião e a Chave da Porta.

A frase seguinte foi a “tradução” para o português antigo. Eu tinha resolvido inventar uma perdida edição portuguesa, saído das mal afamadas prensas de Abraão Aben Usque que em Ferrara editava o que a inquisição queimava em Lisboa. Foi difícil, mas a ajuda de alguns léxicos e a releitura da *Crestomatia Arcaica* fizeram milagres.

Há uma pequena tipografia que executo para mim alguns trabalhos

que exigem maior delicadeza. Em papel particularmente envelhecido por um processo que o dono da oficina não confia a ninguém, o texto foi impresso com tipos que poderiam ter sido utilizados por Gutenberg. O toque final foi dado pela encadernação, retirada a um exemplar seiscentista das Sagradas Escrituras. Nas guardas estampeei o selo, fictício mas plausível, da extinta e dispersa biblioteca do jesuítico Colégio dos Nobres. Como prova adicional de autenticidade elaborei uma biografia do volume, onde seguia a sua carreira semeada de escândalos e tragédias até que as convulsões das guerras liberais o tinham feito desaparecer. Prudentemente ocultei o nome do seu último possuidor.

Foi com pena que me separei do livro, que satisfez visivelmente o meu visitante. À sua frente preenchi o cheque com o número que lhe mostrei. Ele concordou com um gesto de cabeça. A saída apertou-me a mão e disse à laia de cumprimento:

— O senhor é um artista.

Agora já não sei se sou. A cidade está cheia de rumores, e as pessoas fecham-se em casa à noite. Há três dias um-dos bairros mais ricos foi invadido por um súbito mau cheiro, tão nauseabundo e terrível que os serviços de saúde se recusaram a atribuí-lo ao mau funcionamento dos esgotos, que efetivamente não revelaram qualquer avaria. O cheiro desapareceu ao nascer do dia, para dar lugar a outro horror: numa mansão isolada, onde vivia recluso um milionário excêntrico, os inspetores que procuravam a origem do cheiro descobriram algo que os fez sair rapidamente, pálidos e de olhos desorbitados, arrastando um colega desmaiado. A polícia não autorizou fotografias, mas os jornais falaram de

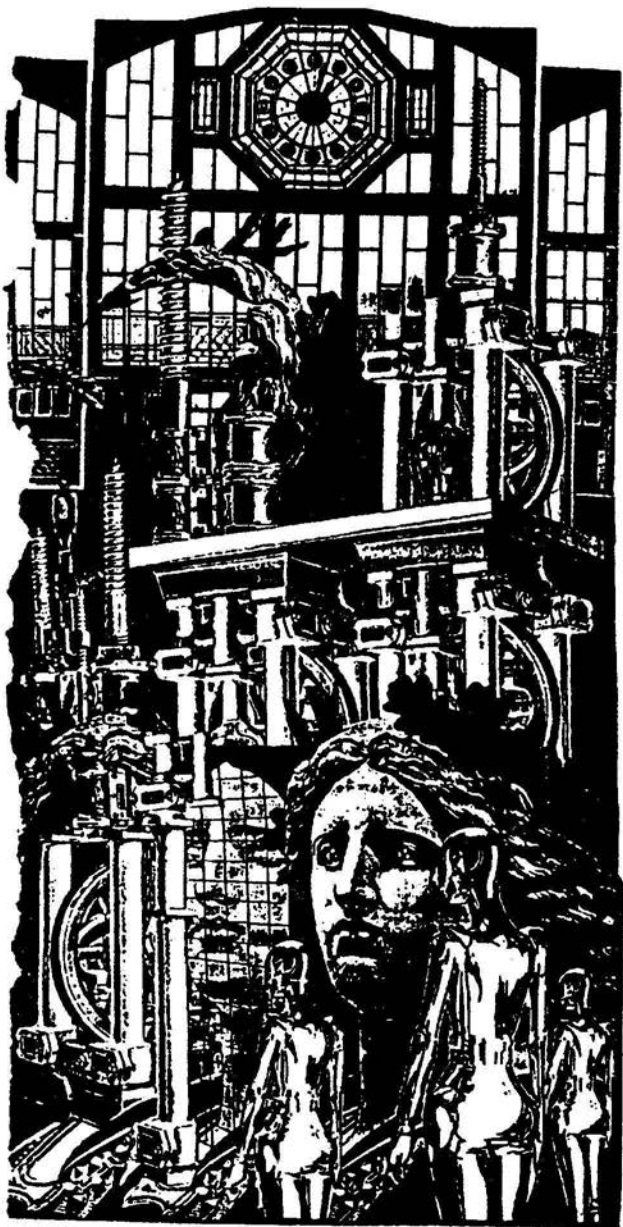
um crime horrendo e de corpos virados ao avesso.

Nas noites seguintes novos crimes se deram, acompanhados sempre pelo repelente cheiro a morte e corrupção, cuja fonte ninguém conhece, mas que eu suspeito. Segundo os jornais a polícia tenta localizar a origem de um estranho livro encontrado no local do primeiro crime. Mas, agora que a noite acende as primeiras luzes da cidade, não é a polícia que eu temo.

• • •



• • •



Viagens Alucinantes

Ivo L. Heinz e Luiz Ambrósio

— Ray, controle e fluxo do tempo.

— Não consigo Sr., está descontrolado.

— Temos que tirá-los desse lapso de tempo ou então morrerão.

— Ann, acione a força auxiliar.

— Perdemos contato General. Só Deus sabe para onde o Túnel os transportou.

• • •

— E aí, Ivo! Onde está a fita que aquele seu amigo americano daquele clube Klingon te mandou?

— Está aqui, Luiz. Você acha que eu ia esquecer justo esse episódio do 5º aniversário de *Star Trek, a Nova Geração*?

— Tudo bem. Tô ligando os fios no outro vídeo para piratear essa fita. Se você quiser tem whisky no barzinho.

— Oba! Ballantine's 12 anos.

— Com você não dura nem 12 minutos.

— Ô cara! Tá na metade do episódio e o whisky também.

— Você podia dar um tempinho com essa garrafa, Ivo.

— Não sou só eu que estou bebendo! Aliás este whisky está com gosto estranho.

— Que estanho o que, depois que você bebeu tanto, já nem sente o gosto.

Algum tempo depois...

— Estou lhe afirmando que em nossa época as emoções não são tão grandes como serão no futuro.

— De onde você tirou essa ideia, Ivo? Do futuro que passam para nós nos livros de FC ou nos seriados cult da TV? Nossa época é permeada de aventuras, imagine-se atravessando uma grande avenida ao meio-dia, fora da faixa de pedestres com o semáforo verde para os automóveis. Em quantos séculos isso já aconteceu? É um privilégio único do nosso tempo e uma super-aventura.

— Você está agindo como conformista, Luiz.

— Ivo, você está sentindo a sensação de imponderabilidade?

— Cara, o que está havendo? Tô sentindo o estomago embrulhado.

— Se você vomitar no carpete minha mãe me mata...

— Que carpete? Aliás, que sala?

• • •

— Uhura, abrir frequência de comunicações.

— Estou tentando, capitão, mas não estou estabelecendo contato.

— Vá tentando. Sr. Spock, use as sondas para escanear a nave.

— Capitão!

— Sim, Sr. Spock.

— Esta nave é similar os modelos de discos voadores, relatados no início do século XX na Terra.

— Disco voador! Perto das docas espaciais ao redor da Luz?

— Sim, capitão, e estão se dirigindo para a Terra.

— Implementar curso de interceptação, Sr. Sulu.

— Computado, Sr.

— *Engage!* Tenente Uhura, avise o Comando da Frota.

• • •

Estamos chegando à Terra. Eu nem acredito. É a Terra mesmo. Oh, céus! Oh, vida! Caviar, champanhe, os prazeres de uma sociedade civilizada.

— Dr. Smith, faça o favor de calar essa boca. Nossos estabilizadores de curso estão com defeito e já não agüento mais ouvir essa sua gaguejação.

— Major West, o Sr. continua o mesmo mal educado de sempre.

— Dr. Smith fique quieto, papai e Don estão com problemas.

— Isso mesmo Dr. Smith.

— Cala essa boca, pusilânime lata de sardinha.

— John, estou detectando presença de outra nave.

— Tentou contato, Don?

— Sim, John. Mas eles não respondem.

— Serão hostis?

— Não sei, John. A nave é muito, muito maior que a nossa.

— Marque curso para entrada em órbita.

— Já marquei, mas temos muita interferência eletromagnética à frente.

— Tente fugir, Don.

— Não dá, John. Estamos sendo atraídos.

• • •

— Capitão.

— Sim, Sr. Spock.

— Um campo eletromagnético está atraindo o disco e a Enterprise.

— Acione o raio trator para atrair o disco e deixe a órbita.

— O raio trator irá destruir a estrutura do disco. E o campo parece ser muito forte... magnitude 15.

— Quinze!?

— Sim, Sr.

— Tchecov, força de impulso, vamos sair daqui.

— Capitão, não estamos conseguindo escapar.

— Capitão, os computadores detectaram presença alienígena no deck B. Parece que foram teleportados.

— Triangule o raio emissor, Sr. Spock.

— Estou tentando Sr., parece que vem da Terra, mas os instrumentos estão oscilando muito.

— Trinta segundos para a entrada na nuvem eletromagnética.

— Alerta vermelho. Grupo de busca, aqui é o capitão, presença alienígena no deck B. Capture-os.

— Cinco segundos para o campo eletromagnético... entrando na nuvem...

• • •

— Maurren, tudo bem com as crianças?

— Sim, John. O que está acontecendo?

— Atravessamos um campo eletromagnético e já estamos nos preparando para pousar na Terra.

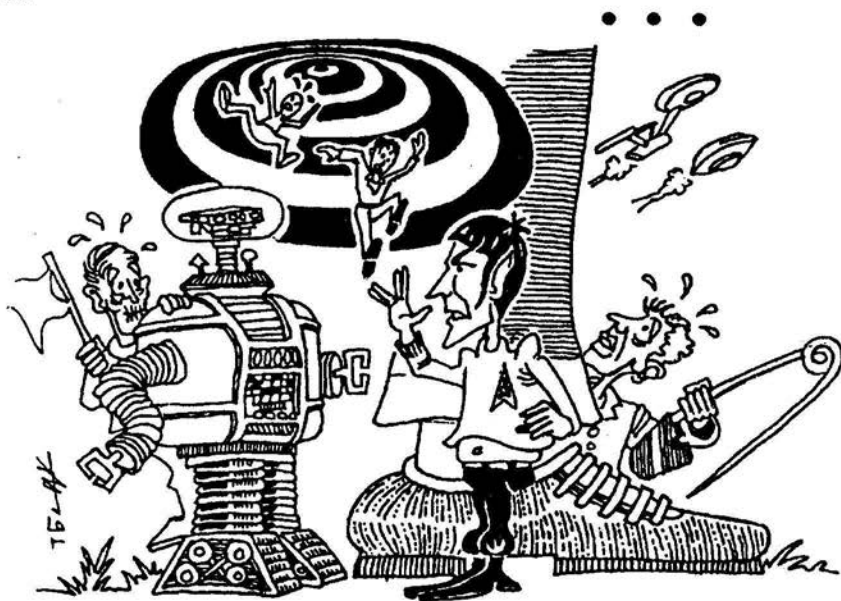
— Ah, que bom, querido. Eu te amo!

— Eu também Maurren.

• • •

– Controle de danos. Reportar à ponte.
– Todos os decks em verde Sr.
– Obrigado Sr. Scoth.
– Capitão, o disco está pousando.
– Uhura, avise o Comando da Frota para interceptá-los.
– Estou tentando Sr., mas só estou captando estática.
– Tente em todas as frequências.
– Acho que estou conseguindo uma transmissão em baixa frequência, Sr.
– Ponha nos fones.
– Inspetor Kubick a todos os homens, cerquem a área do parque, os pequeninos
– Sr. Scoth.
– Sim, capitão.
– Como está o teleportador?
– Não está funcionando, parece que o campo o afetou.
– Quanto tempo para concerto?

– Umás 6 horas no mínimo.
– Quero isso pronto em 3 horas, precisamos descer ao planeta.
– Capitão.
– Sim, Sr. Scoth.
– Por quê você nunca usa a nave auxiliar *Galileo* ou qualquer uma das outras 4 naves?
– Boa idéia, Scoth. Mereceu seu salário do mês.
– Capitão.
– Sim, Sr. Spock.
– A fascinante idéia do Sr. Scoth merece uma comenda de honra.
– É verdade, podemos usar essa idéia nos próximos episódios. E, Sr. Spock, prepare a nave auxiliar, vamos segui-los.
– Qual será a equipe de terra?
– Adivinhe!
– Chamando o dr. McCoy e dois alferes. Capitão, o Sr. tem preferência por algum alferes?
– Qualquer um, eles irão morrer mesmo.



- Stevie.
- Sim, Mark.
- Avistei um disco voador.
- Disco voador?!
- Sim, pousou a uns 4 km daqui.
- É só o que faltava; mais alienígenas. Chame o Dan e vamos ver o que é. Ah! Não esqueça o alfinete e a corda.
- Certo, Stevie.



- Chefe de segurança ao capitão. Capturamos os intrusos. Gostaríamos de sua presença e do Sr. Spock.
- A caminho. Vamos lá, Spock.
- Sim, capitão.
- Cara, onde é que a gente foi se meter!
- Sei lá, Ivo. Acho que bebemos demais.
- Será que eles compreendem portugueses?
- Por que não? Toni e Doug iam para qualquer parte do mundo e todos os compreendiam. Essa nave me parece familiar. O que você acha, Ivo?
- Bebi mesmo! Parece a Enterprise.
- É, também tô achando.
- Ei, olha lá o capitão Kirk e o Spock.
- Não tô gostando da idéia de estar junto com você nesta alucinação.
- Pode crer. Bem que a gente podia ter se materializado num filme pornô.
- A idéia é boa, na próxima vamos convidar o André Carneiro, quem sabe a coisa melhora.
- Fica frio, vamos curtir a situação.
- Sei não, Ivo. Parece muito real.

- Você já não ouviu o Richard Bach falando que desde que você acredite numa ficção, ela se torna realidade?

- É, mas isso é ridículo.
- Como vocês vieram parar na minha nave?
- Calma, capitão. Não seja possessivo, eu e o Ivo aqui, devemos ter sido teleportados de alguma maneira.
- Você me conhece? E fala nossa língua!
- Capitão, o Sr. não devia se surpreender tanto, depois de 25 anos de série, 80 episódios, sem contar desenhos animados, livros e os longas-metragens, todo mundo nos conhece. Até escrevi um livro: *Eu Não Sou Spock*.
- Então, quem é você?
- Spock.
- Luiz, esses caras são mais loucos que a gente.
- Também acho.
- Bem, vocês ficarão presos até descobriremos mais.
- Espere aí capitão. Eu e o Ivo não viajamos dois séculos só para ficarmos presos. Deixe-nos participar da ação.
- Sr. Spock, esse não parece o nome de um episódio que nós vivemos?
- É verdade, eu e o Luiz assistimos várias vezes.
- Capitão, é melhor não discutir. Parece que eles vêm do futuro e conhecem nossos arquivos.
- Então está bem. Estamos indo para a Terra no Galileo para entrar em contato com uma nave alienígena. Vocês podem vir junto e depois os deixaremos aos encargos do Comando da Frota.
- Valeu, Jim!

— Jim?!

— Sim, Sr. James T. Kirk, depois de tantos anos acho que posso ter essa intimidade, não acha Ivo?

• • •

— Don, cuidado. Por favor!

— Não se preocupe, Judih. Só iremos explorar o planeta.

— Oh! Querido, como você é corajoso.

— É só o meu trabalho.

— Pare de abraçar minha filha e vamos embora.

— Está bem John.

• • •

— Mark, Dan, vamos para junto daquelas rochas observar.

— Veja Stevie, a nave está se abrindo.

— Sim Dan. Olhe, são do nosso tamanho e humanos.

— E o melhor de tudo, têm uma nave que funciona.

— Fitchugh, falei para você ficar com o Barry e as meninas.

— E o Sr. acha que eu iria perder uma oportunidade dessas?

— Abaixese!

• • •

— Qual a direção John?

— Nordeste, para lá.

— Eu sei que é para lá. Olhe John, alguns homens atrás das rochas.

— Don, vamos entrar em contato. Olá, eu sou John Robinson do Júpiter II.

— Eu sou Stevie Burton da Terra.

— Mas eu também sou da Terra!

— Você acabou de falar que é do Júpiter II.

— Júpiter II é a nossa nave. Meu planeta de origem é a Terra. Quero dizer, é este planeta aqui.

— Sinto lhe informar, mas aqui é a Terra de Gigantes e nós também estamos perdidos.

— John, não lhe dê ouvidos, acho que está mentindo. Ele parece mais um mendigo nessa roupas esfarapadas, sem contar o cheiro de suor dessa turma.

— Ninguém aqui é vagabundo não, trabalhamos de 10 a 12 horas por dia nesse seriado. E vocês, por que não têm atores negros nessa nave? Hein? Vou reclamar pro sindicato.

— Dan, dá um tempo. Deixe isso para quando voltarmos à Terra.

— Tudo bem Stevie. Mas se aquele branquelo falar que a gente é fedido vai ter.

— Chega de discussão. Eu e minha família estamos Perdidos no Espaço há quatro anos e só queremos voltar para casa.

— Eu e minha tripulação caímos aqui há dois anos e também queremos ir para a Terra.

— Depois de todo esse tempo, estou achando que as novas séries não terão fim!

— Calma Mark, um dia esse pesadelo acaba.

— Olhe Stevie.

• • •

— Olá pessoal. Chegamos na hora certa. Nunca pensei que fosse presenciar isso.

— Calma Ivo, eles não nos conhecem.

— Eu sou Ivo Heinz da Terra. Este é meu amigo Luiz Ambrósio, Capitão Kirk, Sr. Spock, doutor McCoy e aqueles dois caídos do lado da nave são os alferes que morreram no pouso.

– Mas a nave de vocês está intacta! – diz indignado Fitzhugh.
– Ora, você nunca assistiu nenhum episódio de Star Trek.
– Ei, Ivo, eles trabalhavam na emissora concorrente na época.
– É verdade...
– De qualquer maneira em qualquer seriado tem sempre um peão que morre.
– Bem, continuando as apresentações, eu sou Stevie Burton.
– E eu John Robinson.
– Eu sei. Acredito que hoje chegou o grande dia de vocês.
– Perafá Luiz, vá com calma, não vamos afirmar nada.
– Que grande dia? – pergunto Fitz.
– Conversando com o capitão Kirk e o Sr. Spock e analisando todos os dados que eles possuem desde nossa entrada nesta dimensão, percebemos que fazendo uma inversão eletroquântica de polaridade no casco da nave Enterprise, todos conseguiremos sair desta dimensão. E assim talvez tenhamos a oportunidade de participar do episódio final de nossas séries.
– Escutem! São os gigantes. Escondam-se.
– Capitão...
– Sim, Sr. Spock.
– Eles são muito grandes, precisaremos acertar os fasers em um ponto fraco dos gigantes.
– Tem razão, Spock.
– Sim senhor.
– Vamos parar logo com esse papo e atirar logo no saco deles – gritou Ivo.
– Era exatamente isso que eu tinha em mente – tornou Spock.
– Mas foi uma boa idéia, rapaz. Eu nunca teria pensado nisso. Você já pensou em entrar para a Frota?

– Capitão, atira logo, porra! – gritou Luiz.

– Poxa, Ivo, eles já estão fora de combate.

– O que um faser desses não faria em uma daquelas intermináveis discussões sobre o que é ficção científica genuinamente brasileira...

– É, mas esta não é uma ficção brasileira?

– Pelo menos foi feita por brasileiros, e em português.

– Capitão. O Sr. Scoth está avisando que o teleporter está funcionando.

– Ótimo. Reúnam todo o pessoal de vocês, iremos todos para a Enterprise.

• • •

Dois segundos para a barreira eletromagnética, capitão.

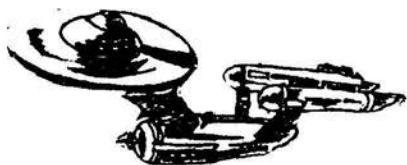
– Graças a Deus, não aguento mais este episódio.

– Atravessamos!

– Muito bem. Uhura, abrir canais de comunicação com a Frota. Vamos desembarcar esse pessoal.

– Enterprise ao Comando da Frota, Enterprise ao Comando da Frota, vocês me ouvem?

– Sim, Enterprise. Chame o capitão Picard, por favor!



Qual será o final de todos os seriados que acontecerá com nossos heróis? Aguardem para breve a emocionante conclusão desta marmelada.

Nave Circular

André Carneiro

— Já tentou a Lavagem Neurônica?

— Não... pensei que fosse só para mulheres.

— Nada é só para mulheres... ou só para os homens.

— Me parecia artificial.

— O limite entre o artificial e o autêntico depende de julgamento pessoal, relativo. Se você toma Col-12 as sensações são autênticas...

O cliente franziu as sobrancelhas, mexeu-se na poltrona colante.

O analista psico-físico perguntou:

— Não quer aumentar as vibrações?

O cliente correu os dedos pelos escaninhos, todos desligados.

O Analista sorriu.

— Você tem resistência com relação à psico-cibernética?

O cliente respondeu com outra pergunta.

— E você, o que pensa dessas comunidades separadas, que não usam nenhum recurso...

Hesitou um pouco, o psico-físico completou.

— Recursos... artificiais?

O homem sorriu.

— Sim, artificiais, sei que o termo é discutível.

O Analista passou os dedos de leve nos mostradores em sua frente.

— Curvas comprometedoras? — perguntou o paciente.

O Analista sacudiu a cabeça. O cliente respirou fundo.

— O senhor... você me conhece?

O Analista olhou bem para ele, virou-se para a esquerda onde o nome estava escrito no visor. Leu.

— Ankinas Carpucio...

— Ankinas Carputchio — corrigiu.

O Analista fez um esforço, desistiu.

— Desculpe, eu vejo pouco os informativos. O senhor me parece um piloto, um colonizador, me perdoe, meu filho o reconheceria imediatamente...

— Não tem importância. Você deve ter ouvido falar sobre o Foguete Circular...

O Analista bateu na testa, fazendo gestos afirmativos.

— Sim, naturalmente, vocês, um casal, não é? Ficaram décadas perdidos no espaço...

— É isso, sou mais velho do que pareço.

O Analista sorriu.

— Bem, entendo pouco dessas relatividades espaço-tempo. Pela contagem espacial o senhor... você talvez seja muito jovem...

— Não sei, não gosto de falar em idades, não enquanto Ela exista, embora disfarçada.

O Analista correu os olhos pelos analisadores. As curvas coloridas dançavam. Pensou alguns instantes e perguntou.

— “Ela”, você quer dizer a Morte?

O paciente riu afirmativamente, apontou os visores com um breve gesto.

— O que diz aí?

— Informações gerais, nenhum detalhe que interesse... mas, agora eu me lembro perfeitamente do seu caso... é histórico...

— Eu sou o homem mais velho da Terra, pelo menos no calendário. Mas, na verdade, eu vivi muito pouco, tive aquele caso (sorriu) com aquela tripulante, uma típica anedota do casal de astronautas perdido em um minúsculo planeta...

— Bem, vocês estavam em uma nave, havia mais conforto...

— Conforto sim, sem nenhuma substância psico-controladora.

— Eu sei, eu sei, lembro-me que meu professor citava sempre o seu caso — corrigiu — o de vocês...

— Ele se referiu também à "síndrome da cabana"?

O Analista interrompeu.

— Desculpe, eu não sei o que significa "cabana"

— É uma palavra desusada. Significa pequena casa de madeira, ou mesmo outro material, com um único ambiente. No começo do século vinte havia cabanas nas montanhas geladas. Eram usadas por caçadores de peles — sabe o que é isso, não? — que lá ficavam fechados durante todo o inverno, cercados de gelo. Nas primeiras semanas corria tudo bem, eram amigos, dois homens rudes acostumados com dificuldades. Depois... acabavam se odiando, havia mortes...

O Analista balançou a cabeça, afirmativo.

— E sexo também...

O cliente sorriu.

— Jack London não tocava muito em sexo, naquele tempo... — o Analista completou.

— Sim, claro, no tempo de Shakespeare não se falava claramente...

O cliente interrompeu.

— Não era no tempo de Shakespeare, mas isso não importa.

O Analista tentou atenuar o engano.

— Sim, o que é importante é o seu pro... digo melhor, o seu caso. Não sei se já experimentou Revisão Uterina, ou um grupo... adequado, em câmara sem gravidade, ou...

O cliente levantou a mão discretamente, o Analista calou-se.

— Sim, já tomei neuro-transmiss, vibrações dirigidas, toda essa felicidade engarrafada...

— Felicidade engarrafada? — perguntou o Analista.

O cliente levantou as sobrancelhas.

— Garrafa é um recipiente muito antigo, não se importe com minhas expressões. Sou consultor de vários dicionaristas. Também gosto da felicidade engarr... condicionada, mas ambiciono algo melhor, algo...

Ele não sabia completar.

O Analista passou os dedos pelos censores, colocou na testa um ampliador pineal e respondeu.

— Seria útil você contar a história.

— Outra vez, a história? Conte na teletrivisa dezenas de vezes, escrevi um vilivro...

— Eu sei, é claro, mas a história que ficou oculta, sepultada...

— Sim, o que ficou sepultado...

Olhou para o alto, como quem se recorda.

— Enquanto tínhamos as drogas, foi tudo normal.

— Normal?

— Normal para vocês, eu suponha. Gozávamos vezes seguidas com o

supra-canabícol e o tempo... se multiplicava além do relógio.

– E depois?

– Depois que os transmissins de todos os números acabaram... tivemos de usar...

– A cabeça? – brincou o analista.

– Sim, a cabeça. Eu preveni Glina sobre a síndrome da cabana. Ela parecia muito tola, superficial.

– Parecia?

– Sim, parecia. Descobri depois que... bem, ela me fez descobrir uma nova expedição, ela sempre repetia “uma nova expedição dentro de nós mesmos”.

– E o concerto, ou melhor, a reconstrução das unidades fotônicas, tomava muito tempo?

– A nave não era tão velha assim. O Comput-repar reajustava tudo, muito lentamente, é verdade. Glina e eu transportávamos coisas, fazíamos testes. Mas sobrava tempo, muito tempo.

– Era bom?

– Tempo é uma tela vazia. Temos de enchê-la.

– Como o faziam?

– Glina me pareceu estranha nesse começo de uma relação mais íntima.

– Por que?

– Nos escaninhos vivenciais não havia mais nenhum alucinógeno. E Glina não queria que eu a tocasse, com o argumento do passado.

– Mas havia um passado de... amor?

– Sim, e tínhamos o tempo e a síndrome da cabana. Glina inventou o recomeço permanente. Lia para mim romances antigos, do tempo em que eram impressos em papel.

– Shakespeare?

– Desculpe. Compreendo que seu conhecimento de literatura antiga tenha se fixado nesse dramaturgo. Nos séculos seguintes há muita coisa interessante, de Sade a Sartre.

– Sei, sei, perto de você sou um ignorante, não lemos como vocês fizeram...

– Não importa. Já disse, Glina me parecia infantil, tentando representar e viver um passado violento e primitivo. Só mais tarde percebi a sua intenção. Eu acordava pela manhã sozinho, ela dormia em outra cabine. Era estranho esse encontro comigo mesmo, na solidão. Durante muito tempo eu ainda pegava o vibrador de impulsos, no gesto automático de quem se veste ou se espreguiça. Vazio, esgotado. Tínhamos só alimento, vitaminas, proteínas, nada que modificasse nossos neuro-transmissores, o mesmo desamparo de um ser nu, nas cidades antigas de ruas barulhentas e casas superpostas...

– Mas, nesse tempo não se andava nu, os preconceitos...

– Sim, sim, todos se vestiam, mesmo no calor, eu quis dizer nudez psíquica, eu, sozinho, com Glina, naturalmente, só contando com nossa capacidade de iluminar os circuitos.

– Iluminar os circuitos?



— É uma linguagem simbólica, antiga.

— Eu compreendo. E a síndrome da cabana?

— Eu cairia nela, com certeza. Glina me salvou.

— Como?

— Éramos dois, muito próximos. Sem transmissins não poderíamos confiar em nossas intenções, em nossas promessas. Glina conhecia a história antiga muito melhor do que eu. Tínhamos de fingir que éramos uma coletividade, reimplantar códigos, processos, até condicionamentos, preconceitos...

— Preconceitos?

— Sim, o preconceito é arma, arma desleal, cria campos opostos, uma força destrutiva que tem de ser... eliminada...

— Vocês reconstruíam um erro da sociedade para depois destruí-lo?

O cliente recostou-se na poltrona desligada, os controles dos escaninhos na sombra. Respirou fundo, como quem se recorda.

— Não uso nenhum acelerador pineal agora. Conto uma história, uma experiência muito longa, cheia de altos e baixos. Dos fatos passados extraímos uma ideologia, ou explicações teóricas que sobrenadam. Dou uma interpretação, talvez incorreta, porque é simbólica, é um mapa com detalhes, mas não é o território. Terremotos, tempestades e nevadas não conseguimos colocar nos mapas, talvez sinais em código, frios e estáticos.

— Você usa uma linguagem, uma interpretação, posso dizer... brilhante e literária, mas enganadora. Depois de Mack Shintosh e seu decifrador de...

O cliente interrompeu com um gesto impaciente das mãos, enquanto

recomeçava a falar, um pouco mais alto.

— Mack Shintosh, Yanamura, decifradores e sinapsistas... isto é agora, hoje, você entra em uma esteira rolante, você não sabe o que é uma angústia, você a delimita, identifica, tritura, liquida com ela. Éramos dois e a nossa Nave Circular, lembra-se? No tempo do seu Shakespeare havia pães e uma faca para cortá-los, você sabe o que é uma faca, um pão? Pode ser que saiba, mas nunca teve uma faca nas mãos. Pois Glina e eu cortávamos muita coisa com uma faca improvisada...

... O que é uma faca? — perguntou o Analista. Ankinas riu. Fez um gesto como quem ia descrever uma faca, mas desistiu.

— Uma faca é uma coisa que corta, mas não importa. Éramos dois e tínhamos de recomeçar dentro das velhas regras, nus, simbolicamente nus, colando rasgos nas roupas, improvisando vassouras...

O Analista ia perguntar o que era vassoura, mas desistiu.

— Eu, Ankinas, ela, Glina. Não. Ela se chamava Madre Tora, priora do convento, sabe o que era um convento? Eu me chamava Thomaz, capelão, rezava a missa todas as manhãs, usava uma roupa negra e comprida, ela também. Madre Tora vinha muito tímida.

— Padre Thomaz, preciso me confessar.

Eu acenava a cabeça. Discretamente ela me seguia, ajoelhava-se ao lado de uma poltrona, eu dizia:

— Conta-me os seus pecados, minha filha.

Tora ruborescia, os lábios úmidos, começa a contar.

— Tive um sonho ruim, padre. Acordei em minha cela, havia um ho-

mem perto da cama. Ele se parecia com o senhor. Eu gritei, ele mostrou uma faca perto da minha garganta, eu me calei, ele amarrou meus pés, um de cada lado da cama, com a faca começou a cortar minha saia comprida, os joelhos e a coxa foram se descobrindo, ele puxou a minha roupa, senti meu sexo descoberto, eu estava nua da cintura para baixo, em uma posição indecente e pecaminosa...

O Analista dedilhou "indecente e pecaminosa" no teclado.

— O que o homem fez?

— Ele foi se abaixando, as duas mãos abertas, ao lado do rosto. As palmas de suas mãos corriam lentamente, descendo pelo pescoço, pelos seios, sem tocar, mas estavam tão próximas que eu sentia o calor, os pelos se eriçavam, as penugens das coxas se moviam, seu rosto foi acompanhando as mãos, a um centímetro de distância, o calor da sua boca entreaberta contaminava meu sexo, eu quase não respirava de medo, meus olhos estavam fechados, até que a ponta do seu nariz tocou de leve minha... senti ódio (ele se parecia com o senhor)... eu tive medo do pecado, padre, eu queria...



Padre Thomaz a interrompeu delicadamente.

— Minha filha, não fique nervosa, vou tirá-la das garras do demônio, para as mãos suaves de Cristo, fique calma, venha aqui.

Madre Tora levantou-se e acompanhou Padre Thomaz até uma cama larga no canto da sala.

— Deite-se aí.

— Por que, Padre?

Padre Thomaz explicou-lhe que o pecado do sonho precisava ser reconstruído, a imaginação é mais terrível do que a realidade, é mais poderosa e profunda. Padre Thomaz tirou de uma gaveta uma corda grossa e macia.

— Madre Tora, em nome de Deus, tenho de fazer agora o que foi feito no sonho, para que sua alma se revigore e mate a tentação do desejo. Padre Thomaz amarrou cuidadosamente o pé direito de Madre Tora em um lado da cama, fez o mesmo com o outro, as pernas ficaram abertas, por baixo do habito negro, delineadas as coxas bem feitas de Madre Tora.

Padre Thomaz pegou uma lâmina afiada em uma gaveta, veio com ela levantada na mão direita, Madre Tora fechou os olhos. Padre Thomaz, lentamente (a Nave Circular poderia viajar milênios no espaço), começou a cortar a saia negra da freira, Padre Thomaz acompanhava sua própria mão se levantando, seis, oito segundos, depois descia suave, observando cada reflexo na lâmina, a freira, o rosto tenso, ficava imaginando a trajetória, queria que fosse ainda mais lenta, ela sonhava com a ilha perdida e a quadrilha de piratas, loucos para agarrá-la, mas ela tinha um amuleto que o feiticeiro da tribo lhe dera, os piratas se moviam cada vez mais len-

tos. Sardônica, ela provocava os homens rudes, excitados, se deslocavam em um aquário de mel, os dedos abainhando as calças, o tecido ondulante dobra por dobra, Madre Tora acompanhava o grito se formando na boca do primeiro, os cabelos ondulando no ar pesado, o prazer de estrangular o tempo, segundos em minutos, minutos em horas, o paraíso devia ser assim, prazer engolido por todos os poros...

O Analista interrompeu.

— Senhor Ankinas, esta parte aconteceu na imaginação de Glina quando ela...

— Sim, Glina vestiu-se de Madre Tora e vivemos o papel realmente, não foi imaginação.

— Quando Glina estava vivendo o papel de Madre tora, no espaço de tempo em que você era...

— Sim, eu era o Padre Thomaz...

— Bem, você vestido de Padre Thomaz tinha levantado a lâmina para cortar a saia da freira. No tempo de levantar e abaixar a lâmina, ela imaginou tudo isso?

— Tínhamos a Nave Circular e o tempo. O maior tempo que um ser humano já teve. Estávamos no vórtice da equação Hawkinstein. Éramos quase eternos. Repartíamos o cotidiano em moléculas. Fizemos um novo calendário, minutos em mil segundos, meses demoravam anos.

— Representavam sempre?

— Alguém, algum dia, não representou? Começávamos uma língua nova, adjetivos com sub-divisões em sutilezas.

— Representar ou agir normalmente, vocês não estabeleciam diferenças?

Ankinas fez uma longa pausa. Sorria, olhando para o Analista, que

parecia um pouco perturbado, depois respondeu:

— Todos nós representamos sempre. Mesmo nu, no banheiro, representamos. O papel que seguimos para viver é uma criação coletiva, os autores são mãe, pai, professor, colegas, ambiente... estou dizendo coisas banais e óbvias, não é, meu caro analista?

O Analista, lentamente, foi abrindo os lábios, também sorriu, quase irônico.

Ankinas levantou-se, abriu uma pequena bolsa, de lá tirou um bigode e uma barba branca postiça. Colocou-os na frente do Analista, sobre a mesa.

— Pediu que eu trouxesse algo pessoal, veja, barba branca, marca registrada de Freud — espero que o conheça e não o ache muito primitivo, acha?

O Analista mantinha o leve sorriso. Levantou-se, pegou a barba e o bigode postiços e foi ao reservado.

Ankinas sentou-se no grosso tapete do chão, em posição de lótus, ficou olhando fixamente, sem ver nada, como quem medita.

O Analista voltou com a barba e o bigode colocados. Tinha arrumado óculos sem lentes, um paletó, calças largas apertadas na barriga, parecia um pouco o velho Sigmund.

Sentou-se na sua poltrona, pediu a Ankinas.

— Deite-se neste sofá, de costas para mim.

Ankinas obedeceu e começou a falar.

— Doutor Freud, briguei com meu pai outra vez. A aversão que eu sinto quando ele beija minha mão chega às vezes até o ódio. Isso me excita a vontade de encontrar mulheres, fico tentando novos encontros... onde

o sexo é o maior objetivo. Eu tinha me comprometido que Mara estava fora da minha intenção, mas de ontem para hoje sinto uma compulsão terrível de encontrá-la. Devo ligar, suplicar ou esquecer?

Freud ficou em silêncio. Ankinas insistiu.

— O que o senhor acha?

Freud respondeu com a mesma pergunta:

— E o senhor, o que acha?

Ankinas falou minutos, ininterruptamente. Descreveu dezenas de coisas que ambicionava e era impedido de realizar. Descreveu encontros sexuais com detalhes, alguns surpreendentes, fazia pausas, olhava para Freud, prestava atenção em seu rosto fingidamente impassível. Cansado, parou um pouco, falou mais devagar e incisivo.

— Será Doutor Freud, que teremos de representar desde o berço até o crematório? Há possibilidades de eu... ou você... mergulhar a mão dentro da nossa caverna, extrair alguma coisa verdadeira, sem teatro?

Freud pôs a mão na barba, balançou a cabeça.

— Não sabemos por qual fresta enfiaremos a mão no inconsciente. O verdadeiro eu é uma suposição. Talvez estejamos em um mundo paralelo, sobra só a representação...

Ankinas levantou-se, estendeu o braço, apontou o Analista e disse bem alto.

— Agora você confundiu tudo. Freud não responderia perguntas neuróticas de pacientes neuróticos como eu. Também ele não sabia nada de anti-matéria e mundos paralelos...

O Analista tirou os óculos falsos e o bigode que veio junto com a barba.

Fez um gesto imperativo com a mão direita, para acalmar o paciente,

— Agora, neste instante, qual é o seu desejo?

Ankinas deu uns passos estranhos pela sala, voltou, bem de frente ao Analista, disse:

— Vou dizer o meu desejo e você pode realizá-lo.

— Tem certeza?

— Tenho.

O analista mudou de expressão.

— Para realizar o seu desejo, vou impor uma condição.

Ansioso, Ankinas perguntou.

— Qual?

— Sente-se no tapete, como estava, em posição de lótus. Medite com seus minutos de mil segundos. Dois, pelo menos.

— E o senhor realiza o meu desejo?

— Sim, prometo, ficarei aqui, meditando também.

Freud, sem óculos, barba e bigode, recostou-se em sua poltrona, passou os olhos pelos visores. Ankinas sentou-se em uma almofada, as pernas cruzadas, um som muito leve foi inundando o consultório. Exatamente dois segundos depois do tempo marcado, Ankinas levantou-se. Esticou os músculos, respirou forte várias vezes, fez movimentos circulares. Seu coração batia mais depressa. Freud também se mexia, sua figura parecia agora ridícula.

Ankinas aproximou-se, um jeito humilde e perguntou.

— Por favor, quem sou eu, como devo viver?

O Analista empurrou de lado a barba branca de Freud, foi até a prateleira, pegou um enorme dicionário antigo e dedilhou os botões da capa. Voltou-se para Ankinas.

— Sabe o que é *strip-tese*?

— Sei.

O Analista, admirado, guardou o dicionário e passou os dedos pelo seu cadernos de lembranças. Anotou a frase "Volta à realidade suposta".

Olhou para Ankinas e comandou.

— Ankinas, você tira uma peça de roupa a cada minuto. Fique ali, naquelas almofadas.

Ankinas estava com uma boa expressão. Com um leve sorriso, afastou uma pequena mesa e acomodou-se.

O Analista, ainda com o grande paletó de Freud, guardou meticulosamente o que estava em sua mesa, afastou os visores móveis e cobriu a superfície com um tapete grosso e macio. Apagou as luzes fortes, acendeu outras azuis, vermelhas e negras em direção à mesa.

Olhou para Ankinas.

— Venha até aqui, abra a camisa, quero ver o efeito.

Ankinas, surpreso, despregou a camisa. O Analista apontou seu peito.

— Ótimo, veja a tonalidade da pele.

Ankinas voltou para seu lugar olhando para os dois braços.

O Analista fez a música subir de tom, mexeu com o ampliador de cheiros, deu um salto, subiu na mesa com seu paletó de Freud, começou a fazer leves movimentos sinuosos, era surpreendente que a sua figura grotesca, com a barriga saliente, calças largas, sapatos enormes, pudesse parecer leve e elegante. Ankinas olhava, fascinado.

Freud tirou lentamente seu velho paletó, jogou no chão. Desabotoou o cinto, arrancou a barriga postiça, afrouxou a calça, fez menção de abaixá-la, mas a apertou novamente.

Pegou um tubo que premiu nos dedos, saiu um creme transparente, que o Analista passou cuidadosamente no rosto e no pescoço de maneira circular. Em um gesto gracioso e rápido, fez um movimento com as ancas, a calça tombou nos seus pés. Ele a empurrou para fora, tirou os dois sapatos, levantou uma perna nua, ele estava coberto só pela camisa na altura do sexo para cima.

Ankinas, os olhos arregalados, respirava forte, o corpo tenso.

A Analista fez dois volteios, levantou bem alto uma perna de cada vez. Recomeçou sua massagem no pescoço. Não era massagem. Lentamente, enquanto dançava no mesmo lugar, foi puxando uma pele artificial que cobria todo o seu rosto. Em um passe de prestidigitador, arrancou-a inteira por cima da cabeça. Debaixo daquela máscara havia um sorriso diferente. Despregou a camisa, o corpo nu parecia um milagre acontecido ali. Seios firmes e alto, a cintura fina, as pernas longas e belas, o rosto delicado de Glina olhando para Ankinas, dançando em curvas onduladas.

Ankinas levantou-se. Estava nu também. Gritou.

— Glina!

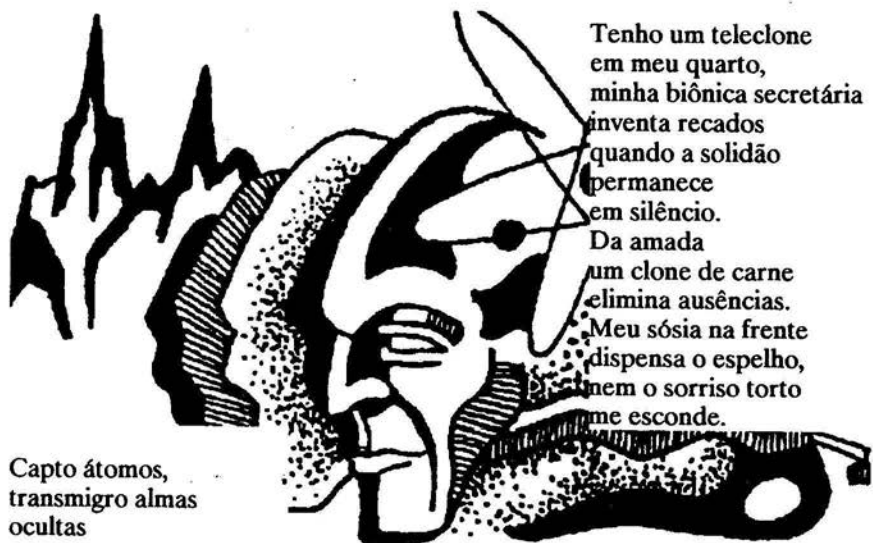
Abraçou-a com força, carregou-a da mesa até o chão, junto das almofadas. Fizeram amor como cerimônia religiosa, prolongando o prazer até o limite da realidade impossível.

Pelas janelas redondas da cabine de comando, o universo negro cheio de estrelas parecia imóvel. Porém, a Nave Circular em queda livre voltava para a Terra, onde chegaria depois de anos, horas e minutos com mil segundos.

Ankinas e Glina, nas almofadas, dormiam abraçados...

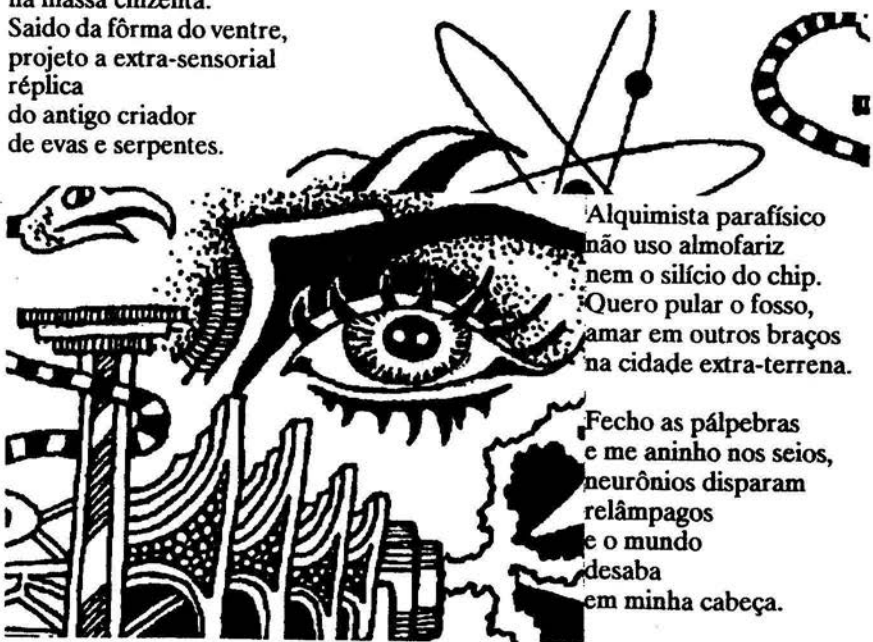
Desaba o Mundo

André Carneiro



Tenho um teleclone
em meu quarto,
minha biônica secretária
inventa recados
quando a solidão
permanece
em silêncio.
Da amada
um clone de carne
elimina ausências.
Meu sócia na frente
dispensa o espelho,
nem o sorriso torto
me esconde.

Capto átomos,
transmigro almas
ocultas
na massa cinzenta.
Saído da fôrma do ventre,
projeto a extra-sensorial
réplica
do antigo criador
de evas e serpentes.



Alquimista parafísico
não uso almofariz
nem o silício do chip.
Quero pular o fosso,
amar em outros braços
na cidade extra-terrena.

Fecho as pálpebras
e me aninho nos seios,
neurônios dispparam
relâmpagos
e o mundo
desaba
em minha cabeça.

Único Sistema Cifrado

André Carneiro

Temos o carbono-14,
a bola de cristal
e a viagem no tempo.
O primeiro casal
desceu no solo
dadivoso da terra.
Seios nus,
ela enrolou a
serpente no colo,
trincou a fruta
nos dentes.
Na penugem da relva
o amor explodiu as
plantas virgens
do Éden.

Macacos mutantes
jamais compreenderão
a trindade-mistério,
a morte a liquidar corpos,
deixando almas
nos castelos.

Naves primitivas
fotografam nuvens
e uniformes rivais.
A Astrologia sabe
da poesia
neste terceiro milênio
único sistema cifrado
capaz de compreender
almas aflitas,
explodir mágica nos quartos,
o desejo em
câmera lenta,
espermatozóides
nos óvulos
da rainha
desta galáxia.



Placebo Redondo

André Carneiro

O alienígena invisível
sai da nave inconsútil
e engole nossa memória.

No zoo do espaço
estou entre as formigas
e o céu artificial
dos pássaros.

Circulo em ruas
e florestas
fictícias.

O relógio recua
e controla
as curvas
do espaço.

A noite só consigo
dentro dos olhos.
Nosso terceiro mundo
é um placebo redondo
azul e cinza de fogo.

Tento exculpir
e silêncio,
desenhar o futuro.

Tenso e calado
me rendo
neste agora
provisório
do tempo.



André Carneiro

FC e Jornalismo Cultural

Houve um tempo em que o jornalismo, no Brasil, não se classificava como indústria capitalista, só direcionada no lucro vindo do consumidor (onde a qualidade não interessa, só a receptividade). Por isso havia Suplementos Literários de valor e, no mínimo, Páginas Literárias.

Era uma questão de *noblesse oblige*. Redatores e chefes de redação (ainda se usava a nossa língua, editor significava aquele que edita livros. Hoje é publisher, sem aspas, como exemplar virou cópia (de "copy"), estacionamento é parking, não há mais loja e sim shop, exposição é showroom e mais centenas de estrangeirismos ridículos e menos expressivos, às vezes, do que as nossas definições.

O destaque que se dava às artes e à literatura, naturalmente, não era proporcional ao número de leitores, como os interessados em futebol etc..., mas isso não importava. Nas redações, era normal trabalharem escritores conhecidos, de grande cultura, os jornais achavam que incentivar o que era importante na Arte e Literatura nacional, constituía uma óbvia obrigação, como deveria ser também dos governos.

Um primeiro livro de escritor desconhecido, poderia ser comentado

por um Sérgio Milliet em um rodapé ocupando um terço de página (como aconteceu comigo e é um sonho ir-realizável hoje, também para mim). Existia um crítico de literatura praticamente em todos os jornais (como na Inglaterra). Devo ter mais de duzentos recortes sobre o meu primeiro livrinho de poesia.

Havia uma natural hierarquia naquela época. Os escritores tinham uma posição adquirida e o seu valor (e deficiências) filtrados e estabelecidos por esse consenso crítico geral.

Isso desapareceu completamente. Os comentários de livros que as revistas importantes e os grandes jornais publicam, são simplesmente frágeis resenhas (grande parte matéria paga) e repetem, geralmente, o que a orelha do livro afirma, seus autores sabem que seria inútil ler o volume inteiro, redigir dez páginas, quando o seu espaço é de vinte linhas; em uma coluna, dá para dizer quem é o autor (seis linhas), mais nove linhas de uma possível sinopse do assunto ou enredo, sobram cinco para definir se aquilo é bom, péssimo ou nem tanto, exatamente como se faz na secção de filmes.

Não gosto de repetir uma estatística terrível: os jornais dão 70%

do espaço para a Arte e Literatura estrangeira (incluindo mesmo a música popular, etc).

Por que essa injustiça? Os donos dos jornais sabem disso? É claro que sabem. Eles não estão interessados na cultura brasileira e sim no seu produto e nos clientes. Nenhum grande empresário muda o local onde vai construir uma fábrica porque lá existe uma árvore centenária.

Os arquitetos (embora possam discordar ideologicamente) são obrigados a desenhar quartos de empregada com 2,20 x 1,50, porque isso é exigido para diminuir o preço do imóvel. O jornalista também escreve pressionado. Os jornais são feitos para serem vendidos, para dar lucro. Qualquer coisa em suas páginas deve ser original, curiosa, engraçada, para que o leitor compre o próximo exemplar. A verdade ou a correta informação cultural ficam em segundo plano. Não há jeito de escapar.

Quando ando pelos *shoppings* da cidade, parece que estou nos Estados Unidos. Noventa e cinco por cento dos títulos são em inglês. Outro dia, em uma loja, ou melhor, butique, junto a umas calças, havia um cartaz: *sale*. Isso, nos Estados Unidos, significa *Liquidação*. Fiz-me de idiota e perguntei à mocinha toda produzida o que significava *sale* (pronunciei em português, naturalmente). Ela mandou perguntar ao gerente, que me olhou de alto a baixo; meu relógio não era Rolex, minha calça não era M. Officer, meu tênis não era Nike, eu devia ser um débil mental vindo pela primeira vez ao tal de shopping. Não se dignou a responder.

A *Folha*, que publica a seção *Teen* e não *Adolescência*, concedeu seu caderno de Letras para a Ficção

Científica. Dentro do nosso atraso colonialista, tudo bem. Chamou-se a atenção do grande público para o gênero. O grande destaque ficou para os estrangeiros, é claro.

Antes disso do que nada. Mas, eu luto comigo mesmo, para não deformar a verdade, não achar que eles foram *bonzinhos*. Se eles reduzissem o tamanho das fotos (para que meia página mostrando um muro, ou mesmo minha cara ocupando um espaço maior do que as minhas declarações?), sobriariam coluna, não uma vez por ano, mas todo o dia, para a crítica literária, onde a FC deveria ser incluída, sem os rótulos insinuando que se trata de coisa exótica, própria de "coleccionadores de tampinhas e barbantes..."

A jovem que me entrevistou é culta e inteligente, sem nenhum favor.



Foi uma longa e interessante conversa que durou quatro(!) horas, toda gravada. O resultado parece com aquela piada do político japonês no Brasil, que responde durante vinte minutos uma pergunta específica e no final o tradutor resume: "Ele disse que nas relações Brasil-Japão está tudo bem".

Eu não afirmei à repórter que fui influenciado por Wells e Júlio Verne, mesmo porque logo abaixo se diz que Robe-Grillet tentou valorizar Verne, e que eu não concordo. Só que Robe-Grillet jamais escreveu sobre Verne, eu falei Michel Butor. Também eu não disse que... bem, paro por aqui, senão esta crônica ficaria bem maior do que a entrevista. Seria in-

gênuo tentar retificá-la inteira, como exigir que os nossos deputados só falem a verdade, ou, ou, ou... não é preciso exemplos. Alguns amigos brincam comigo, porque a reportagem inventou que eu coleciono "barbantes e tampinhas".

No fundo, todos acham muito importante. Mac Luhan descobriu que o "meio é a mensagem". Saiu na TV e no jornal, ótimo, não importa que eles tenham *dublado* minhas declarações, posto imagem no lugar da palavras. "Biri-biri-biri", como diz aquele robô ao sem mestre Buck Rogers, ambos debilídes mentais no meio da galáxia de barbantes e tampinhas de cerveja...

LOCUS	Assinaturas (US\$)		
	Nº Meses	Via Superfície	Via Aérea
P.O. Box 13305, Oakland, Ca 94661 USA			
O melhor magazine do gênero.	12	40,00	64,00
Vencedor de 15 Hugos	24	75,00	108,00

ISAAC Magazine
ASIMOV

**MENSALMENTE
NAS BANCAS**

André Carneiro, nosso homenageado

Afora o esmero e a fina qualidade literária que perspassa cada linha do belo conto inédito com o qual nos brindou neste número, André Carneiro ainda dá-se ao luxo de esgrimir a difícil técnica do "final surpresa", um tema já explorado à exaustão por sumidades da FC universal como Frederic Brown, R. Sheckley e James Gunn. Não obstante, eis-nos frente a mais um exemplo magistral do gênero. Utilizando-se do psicodrama, uma técnica criada por Moreno (psicanalista romeno contemporâneo de Freud), Carneiro nos conduz pelos labirintos negros do espaço e outros não menos insondáveis: o da mente humana.



Em tempo: O Museu Mário de Andrade fará realizar, pela terceira vez consecutiva, o workshop sobre FC a cargo do nosso sócio articulista permanente, André Carneiro. O sucesso das duas edições anteriores foi de tal monta que a direção da casa e os alunos "intimaram" o André para uma nova edição, que desta vez terá como título *A Linguagem da FC na Literatura e no Cinema*, e deverá iniciar-se no mês de setembro.

Terry A. Adams
Brian Aldiss
Poul Anderson
M.A.R. Barker
Arthur K. Barnes
Barrington J. Bayley
Gregory Benford
Pierre Benoit
Lloyd Biggle, Jr.
Marion Zimmer Bradley
John Brunner
Ken Bulmer
William Burroughs

Philip K. Dick
Gordon R. Dickson
Roger Dickson
Thomas M. Disch
G.C. Edmondson
Gordon Eklund
Suzette Haden Elgin
John Fawcette
C.I. Fontenay
M.A. Foster
C.S. Friedman
Mark S. Geston
Ron Goulart

Barry Malzberg
Michael Moorcock
H. Warner Munn
Andre Norton
H. Beam Piper
Doris Piserchia
Richard Purtill
Tom Purdom
Fred Saberhagen
Charles R. Saunders
James H. Schmitz
Jody Scott
Jack Sharkey

Donald A. Wollheim
1914-1990
His Legacy Lives On

Terry Carr
Lin Carter
A. Bertram Chandler
C.J. Cherryh
William L. Chester
Jo Clayton
B.W. Clough
D.G. Compton
Juanita Coulson
Robert Coulson
Samuel R. Delany
Gene DeWeese
Ansen Dibell

Sharon Green
Charles L. Harness
Frank Herbert
John Eric Homes
K.W. Jeter
James B. Johnson
Dean R. Koontz
C.M. Kornbluth
R.A. Lafferty
Keith Laumer
Tanith Lee
Ursula K. Le Guin
Edward Llewellyn

Michael Shea
Robert Silverberg
Guy Snyder
Brian Stableford
Christopher Stasheff
John Steakley
Thomas Burnett Swann
E.C. Tubb
Ian Wallace
Ted White
Tad Williams
Timothy Zahn
Roger Zelazny



DAW Books, Inc.
Distributed by Penguin USA